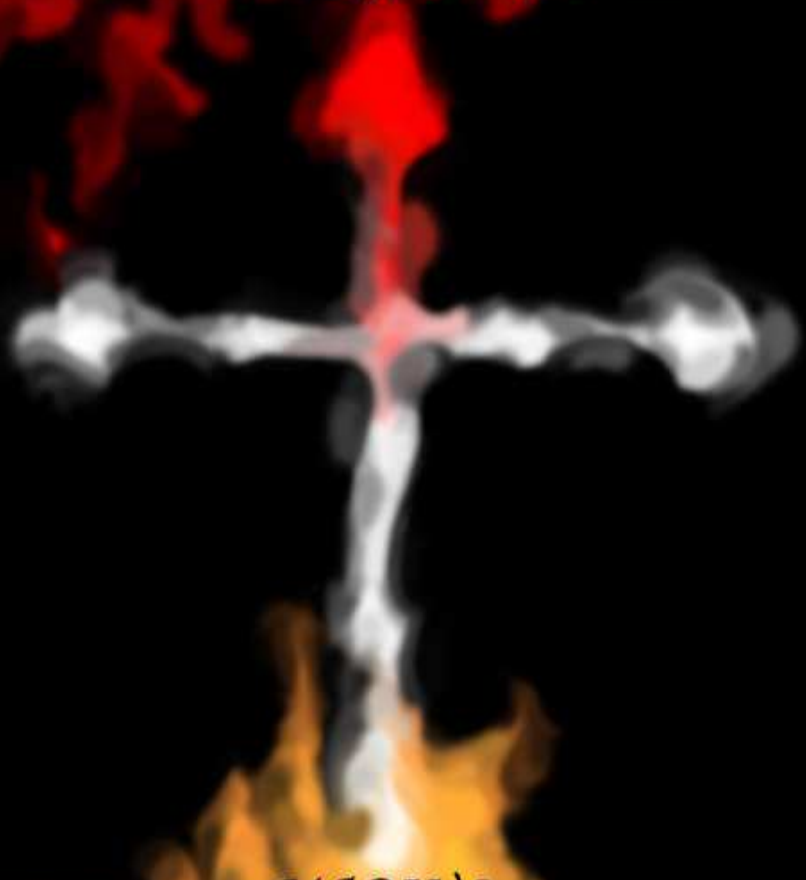


SOCIEDADE INSANA



*MARIUS
ARTHORIUS*

MARIUS ARTHORIUS

SOCIEDADE INSANA

1ª Edição

Campos Novos
Mario Arthur Favretto
2011

Esta obra possui registro de Direitos Autorais junto à Fundação Biblioteca Nacional. Sua reprodução completa ou parcial para fins lucrativos e comerciais sem a autorização do Autor implicará nas devidas penalidades legais.

Arthorius, Marius.

Sociedade Insana. Marius Arthorius – 1. ed. --
Campos Novos, SC: Mario Arthur Favretto, 2011.

177 f.

ISBN 978-85-915509-5-1

1. Literatura Brasileira. 2. Terror.
I. Título.

CDD-B869

Agradecimentos:

Agradeço a algumas pessoas que ajudaram seja corrigindo ou avaliando os escritos aqui presentes:

Emili Bortolon dos Santos,

Vania Miriam Brinkmann,

José Fernando Pacheco,

Márson Alquati,

Carina Merkle Lingnau,

Cleiton José Geuster.

PREFÁCIO DO AUTOR

Críticas devem ser feitas. Devemos deixar de ser pessoas conformistas, não devemos aceitar tudo do jeito que é. Devemos questionar. Podemos não ver os resultados de todas as ações realizadas durante nossas vidas, entretanto, as futuras gerações poderão ver muitos dos resultados.

Assim como nós sentimos na pele os resultados das ações de nossos antepassados, as futuras gerações sentirão o efeito de nossas ações. Torna-se então necessário que mostremos para as gerações vindouras, que fizemos algo para melhorar suas vidas, e assim, quando a morte bater em nossa porta possamos permanecer vivos como boas lembranças.

É chegado o tempo de abrímos nossos olhos e nossas mentes. Que deixemos nosso egoísmo e nossos dogmas de lado, e assim, possamos analisar de forma crítica os mais variados aspectos de nossa sociedade. Façamos críticas, aos atuais sistemas políticos e religiosos, para que a nossa sociedade possa aperfeiçoar-se ao máximo, e através das críticas possamos lapidá-la da melhor forma possível. A crítica

meus amigos, quando em conjunto de uma análise minuciosa possibilita que nossos olhos vejam qual o melhor caminho que devemos seguir.

Antes que comece a ler o texto é importante que saiba de mais uma coisa, procure lê-lo com um pensamento neutro, sem pender para suas doutrinas. Encare o lado positivo das críticas. Talvez minhas ideias sejam divergentes das suas, no entanto, no mundo existem bilhões de pessoas, com diferentes pontos de vista sobre os mesmos assuntos. Se quisermos uma melhora no pensamento de nossa sociedade, então devemos compreender, pelo menos em uma visão geral, as opiniões das outras pessoas.

O texto que aqui apresento, busca fazer críticas sobre nossa sociedade, porém, não exponho as críticas de forma direta, e sim, na forma de uma história fictícia. De maneira que os questionamentos vão aparecendo com o desenrolar da história.

Sendo assim, façamos críticas construtivas... Pense! Aproveite e use todo o conhecimento científico que existe à sua disposição. Liberte-se de seus dogmas!

Marius Arthorius

Capítulo 01

Rosa Erromobut levantou de sua cama, colocou seu vestido branco e foi até a cozinha de sua casa para tomar o café da manhã. Sentou-se à mesa, tomou uma xícara de café. Em sua frente havia uma fruteira, com uma única fruta, uma maçã. Pegou a fruta para comer, a fruta do pecado, da árvore da ciência. Afundando seus dentes no conteúdo semi-sólido semi-líquido. Mordeu a maçã, a textura não era normal, era como se a fruta houvesse mudado, era como cravar os dentes em carne e o cheiro também havia mudado, o cheiro de morte, o cheiro adocicado de sangue. O doce cheiro que agrada a toda e qualquer divindade. Cheiro de sacrifício.

Aquilo que antes era uma maçã agora começou a se mexer, se contraindo e expandindo, de forma rítmica. Por um momento Rosa teve calafrios, como se uma pedra de gelo tivesse escorregado por suas costas. Ela afastou-se lentamente da mesa segurando a “fruta” e então viu um coração, era um coração humano em sua mão. A maçã havia se transformado em um coração

ensanguentado, jorrando sangue através das artérias arreventadas, manchando o vestido branco de Rosa e tornando-o vermelho. Rubro como a cor que representa o amor. E que quando verte do corpo humano, muitas vezes acaba por representar a morte e não o amor.

Diante desta cena, Rosa sentiu-se mal, o mundo começou a girar. A realidade estava ficando sombria como se uma penumbra cinzenta tivesse se espalhado por toda parte. A temperatura ambiente pareceu baixar, mesmo sabendo que era verão, a respiração de Rosa deixava baforadas de vapor perante o ar. O ar gélido da morte que se aproximava, destruindo todo vestígio de calor humano. Foi quando a mãe de Rosa apareceu na cozinha chamando-a.

- Rosa, querida, coma seu café da manhã. Ou não vai conseguir estudar. – Rosa não conseguia compreender, toda aquela situação fantasmagórica parecia não existir para sua mãe, entretanto havia algo errado nela. Bastou olhar para seu peito, havia um buraco nele, onde antes existia um coração, agora havia apenas um buraco por onde o sangue escorria sobre as vestes. Sangue vermelho escuro gotejava até o chão, o barulho de cada gota de sangue que caía no chão

parecia com o sino de uma igreja badalando dentro da cabeça de Rosa, como se sua cabeça fosse explodir. Então sua mãe falou novamente. Desta vez com um sorriso frio nos lábios, dentes afiados à mostra e sem os olhos nas órbitas, apenas a vasta escuridão. A escuridão que aguarda a todos após a vida.

- Coma Rosa! Antes que eu tenha que te comer, sua vadia! – a voz que antes era tranquila, transformou-se em uma voz demoníaca, uma voz fria e infernal. Foi o limite máximo para Rosa. Ela não aguentou mais, paralisada pelo medo, o mundo começou a girar ainda mais rápido ao seu redor e a penumbra se tornou mais densa. O chão pareceu não mais existir, Rosa sentiu como se estivesse caindo em um abismo. Um abismo onde o ar tem textura, uma textura áspera e densa. Lixava sua pele e arrancava nacos de seus músculos.

Ela acordou. Foi apenas mais um pesadelo, como muitos que ela vinha tendo ultimamente, o fato é que esses pesadelos já vinham trazendo problemas para ela até mesmo na escola e comentários se espalhavam por toda a cidade.

Ela sentou-se na cama com a respiração ainda ofegante, sentiu algo molhado em suas mãos, ficou com

medo de que ao olhar pudesse ver sangue e que tudo que ela viu não tenha sido apenas um sonho. Por sorte não era sangue, era urina, empoçada na cama. Seu rosto ficou vermelho de vergonha de si mesma. Ela não teve como evitar, pois os sonhos estavam parecendo cada vez mais reais e terríveis.

Segundo as pessoas da ilha de Serenidade era normal que as meninas ficassem ansiosas antes da iniciação, um antigo ritual da ilha mantido oculto atrás das paredes da igreja e pela floresta que recobre a montanha. Montanha esta que cortava a região central da ilha de norte a sul. Do lado oeste da montanha, nas planícies da ilha, era onde a cidade estava localizada. Do lado leste apenas a Floresta Atlântica descendo a montanha e indo de encontro ao mar, este lado também era conhecido como o lado proibido ou o lado oculto da ilha.

Rosa levantou-se da cama, tirou sua camisola e colocou uma camiseta azul, simples, feita de algodão, e uma saia branca que ia até seus joelhos. O sol brilhava lá fora, a cidade estava iluminada, parecendo quase a cena de uma pintura sacra. Com seu céu azul que se estendia até o horizonte, as aves voavam e cantavam, e

havia a maravilhosa sensação da maresia, com o som do oceano ao fundo, ela decidiu que queria aproveitar o dia e tentar esquecer seus pesadelos. Colocou um tênis e saiu do quarto, chegando ao corredor, onde se viam mais duas portas de madeira de cor escura, uma era do quarto de seus pais, a outra do quarto de seu irmão, que há muito havia desaparecido de forma misteriosa na última iniciação. Rosa não queria pensar nisso agora, talvez em outro momento, em um outro dia não tão radiante, talvez ela tente entender melhor o que aconteceu com ele.

Afinal, neste dia ela pretendia aproveitar a vida. Desceu as escadas que ficavam no final do corredor, a escada descia de forma espiralada acompanhando uma parede circular. A casa era de alvenaria, porém a escada era de madeira e algumas tábuas rangiam com o mais leve peso.

Foi até a cozinha, e ao chegar lá, inconscientemente pegou uma maçã que estava junto com outras frutas em cima da mesa. Neste instante ela percebeu que tudo estava acontecendo tal qual o sonho que ela teve. Rosa ficou ali parada por um instante, olhando para a maçã, vermelha e brilhante como

sangue. Estava esperando que a fruta começasse a se contrair e se transformasse em um coração, isso não aconteceu. A mãe de Rosa chegou, carregando consigo uma foto do filho e foi até o segundo andar da casa, quase não percebeu a presença da filha que lhe desejou um bom dia.

Rosa comeu sua maçã, pegou sua mochila que estava pendurada perto da porta e saiu de casa para ir à escola, deixando assim seus pesadelos para trás e entrando, desta forma, no mundo real. Quando ela saiu de casa olhou para a rua que era recoberta com lajotas de concreto, em formato octogonal, e ao final viu a igreja, com sua alta torre encarando-a, desejando-a. Porém, ignorou este detalhe e viu que uma de suas amigas, Sarah Castelli, estava esperando por ela para irem juntas até a escola. Sarah possuía os cabelos castanhos e ondulados, pele clara e era bela como sua amiga Rosa.

Uma leve brisa soprou do mar e fez a poeira do chão dançar ao som das ondas, por este caminho é que Rosa foi até sua amiga. Quanto mais ela se aproximava de sua amiga, mais ela se aproximava da igreja e mais a torre parecia crescer tornando-se ainda mais imponente, como se tentasse bloquear o sol e cobrir o céu. Somente

quando chegou até sua amiga é que Rosa conseguiu se esquecer completamente da igreja. Ambas foram lado a lado, até a rua sete, onde ao final havia um prédio com sete andares. Neste prédio ficava a escola, com suas portas voltadas para a rua, sem muitos enfeites arquitetônicos e com uma pintura pálida, dando um aspecto doentio ao prédio, como se este fosse ruir a qualquer momento. Atrás do prédio ficavam duas quadras de esporte, um parque para as crianças, um longo gramado para os estudantes e mais adiante separada por uma cerca, a praia. No horizonte se via a costa continental, nenhuma cidade por perto, somente o verde da mata, tal qual jade brilhando perante o sol.

As duas amigas passaram por uma porta dupla que dava entrada ao prédio, andaram pelo saguão, onde muitos cartazes de trabalhos escolares estavam presos à parede. De cada lado do saguão havia uma porta de madeira, uma era da sala da diretora e a outra da sala dos professores, mais adiante o saguão se dividia, na metade esquerda existia uma escada com uma cerca de metal que levava até os andares superiores. Na outra metade, havia um corredor que levava até a área que há atrás do prédio.

As amigas subiram a escada em meio aos muitos alunos que também seguiam o mesmo trajeto. Nos primeiros andares ficavam os alunos mais novos, neste o barulho era quase ensurdecedor e crianças corriam por todos os lados. Rosa e Sarah tinham um pouco de dificuldade para subir as escadas em meio às crianças. Até o momento em que, no final, da escada uma criança empurrou a outra, esta caiu, ouviu-se a batida oca como quando se bate com a mão em uma caixa de papelão. Na presente ocasião o som foi muito mais alto, todas as crianças se calaram, o silêncio reinou nos corredores. O sangue começou a aparecer, escorrendo através de uma fenda na nuca do menino que havia caído na escada.

Então o caos reinou, todas as crianças saíram gritando para suas salas. Os professores correram em sentido contrário tentando chegar até a escada para ver o que havia acontecido. O cheiro adocicado de sangue já começa a se misturar ao cheiro de cera usado para lustrar o assoalho dos corredores da escola.

Enquanto isso, Rosa e Sarah permaneceram paradas, olhavam como que hipnotizadas para o menino caído no chão. O sangue vermelho escorria, degrau a degrau, espalhava-se e o menino caído, com os olhos

virados nas órbitas, tendo seus últimos tremores como um ataque epilético. Ele olha para Rosa como que pedindo ajuda, ela não conseguiu se mexer estava com medo de que a morte pudesse ser transmitida como um vírus, assim como muitas pessoas temem entrar em cemitérios, inconscientemente temendo que a morte seja facilmente transmissível.

Rosa sempre teve pavor de ver sangue e agora ela tinha um rio de sangue a sua frente, como um tapete vermelho que não parava de crescer. Um tapete estendido para a morte que logo chegaria. A pupila do menino dilatava-se e seus olhos começaram a ficar vidrados, como se ele estivesse distante e a essa altura ele já não estava mais entre nós, a consciência do menino deixou de existir, seu cérebro cessou suas funções. Sarah sentia-se nauseada.

- Rosa, vamos sair daqui, eu não estou me sentindo muito bem. Por favor. – mas Rosa não respondeu, no momento quem estava longe era ela, viajando com sua mente pelos locais mais obscuros da imaginação humana.

Em sua mente Rosa viu a ilha como se estivesse em um avião, se aproximava a cada instante. Como se

estivesse caindo, a ilha aproximava-se pouco a pouco, tornando-se cada vez maior. Quando achava que colidiria contra o mar, Rosa começou a se dirigir para ilha, voando rente ao mar. O que ela viu era o lado oculto da ilha, o lado de onde ninguém voltava. Ela estava aflita, não sabia se sentia medo ou curiosidade por este lado da ilha. Ela já estava sobre os rochedos que cercam o lado oculto da ilha. Ela viu apenas pequenos vultos andando em meio à praia, não conseguiu identificá-los. Sua visão se tornou embaçada, mas ela percebeu que os vultos se deslocavam como um rebanho bípede rumo ao matadouro. Ela começou a voltar para a realidade com sua amiga puxando-a pelo braço.

- Rosa! Por favor! Vamos sair daqui! – Elas saíram e continuaram a subir as escadas até o sexto andar. Mas Rosa não se esqueceu da visão que teve, pensou em contar para Sarah, por fim, achou que seria melhor manter isso em segredo, pelo menos por enquanto.

Quando elas chegaram no sexto andar, foram para o corredor que estava vazio, pois as aulas tinha começado e os alunos já estavam em suas salas. Rosa se questionou quanto tempo ela e Sarah ficaram paradas em frente ao menino que agonizava. Por que ninguém

ajudou o menino? Todos davam sempre a mesma desculpa, sempre diziam a mesma coisa. Que era a época da iniciação, que coisas assim aconteciam. De quatro em quatro anos, diversos acidentes estranhos aconteciam e pessoas sumiam. Neste período, nenhuma pessoa com menos de dezoito anos podia sair na rua durante a noite, as pessoas quase não conversavam, evitavam falar alto. Somente depois do fogo sagrado ser aceso no lado proibido da ilha é que tudo voltava ao normal. Ao menos essa era a desculpa que os sacerdotes e o prefeito informavam.

As duas amigas continuaram andando pelo corredor, que era longo e escuro, este atravessava o prédio de um lado até o outro. Como uma longa garganta demoníaca. As luzes estavam apagadas, a única luminosidade vinha das janelas que ficavam nas extremidades do corredor. Andar no corredor era como fazer uma viagem infernal, as portas feitas de madeira escura pareciam bocas gritando desesperadas. O corredor parecia ficar mais longo a cada passo. Até que finalmente as amigas chegaram na sala de aula, a sala número 742, abriram a porta, a professora já explicava a

matéria. Onze alunos estavam na sala. Quando entraram os comentários arrogantes começaram.

- Aí vem a louca louca! E sua fiel escudeira! – uma onda de risos tomou conta da sala, a professora continuava a escrever no quadro. E os comentários seguiram.

- Ei! Rosa! O bicho-papão não te pegou essa noite? – mais uma onda de risos ocorreu. – Meu pai e minha mãe me disseram que você não vai durar muito Rosa! – desta vez ninguém deu risada, a professora se virou, andou até o aluno que havia falado isso. Deu-lhe um tapa na cara. O som foi alto e gotas de sangue saíram do nariz do menino.

- Não fale do que você não entende garoto! Você é muito novo para saber sobre isso! – foi o que a professora falou, deu mais um tapa na cara do garoto fazendo-o cair no chão. Rosa e Sarah sentaram-se no fundo da sala.

As três primeiras aulas passaram com uma certa tranquilidade, após a surra que um dos alunos levou ninguém mais se habilitou a fazer comentários. Então veio o intervalo, todos os alunos desceram até o espaço que havia atrás da escola e os professores foram até a

sala do diretor para tentarem entender o que havia acontecido nas escadarias da escola, temiam que fosse algum castigo sobrenatural imposto por alguma divindade inexistente. Como poderia uma divindade castigar aqueles que tanto lhe servem? Ou seriam as forças do mal? Isso tornaria a divindade menos onipotente e onipresente, tornando-a desta forma algo menor do que uma divindade.

Na escada, as marcas de sangue foram parcialmente limpas, havia um cheiro estranho impregnado por toda a escola. Várias versões da morte do menino se espalharam pela escola, a verdade já estava sendo distorcida, muitos diziam que o diretor havia matado o garoto ou diziam que existiam fantasmas na escola. Nem mesmo Rosa e Sarah sabiam explicar ao certo o que tinha acontecido, lembravam-se apenas de ver um menino empurrando outro, não entendiam o motivo e a sequência dos fatos já estava sendo esquecida.

Fora da escola o ar estava fresco, o sol brilhava em meio ao imenso céu azul. Ao longe se ouvia o som das gaivotas nas praias e o som das ondas no mar. Todos os alunos estavam no pátio da escola, alguns

jogavam bola, outros estavam deitados na grama e a grande maioria apenas andava de um lado para o outro, apenas conversando, mais parecendo gado bovino, andando e ruminando, confinados atrás da cerca de metal. Rosa e sua amiga foram até próximo de uma das extremidades da cerca para ver o mar.

Desde que saíram para o intervalo nenhuma das duas disse uma palavra. Estavam distantes em seus pensamentos, analisavam o que havia acontecido. Mas ali onde estavam, com seus cabelos ondulando perante o vento que soprava do mar e sendo banhadas com o sol radiante que iluminava seus rostos, elas já se sentiam mais tranquilas. Como uma pessoa que segue sua vida rotineira e deita-se toda noite em sua plena tranquilidade, sem grandes ambições e preocupações. Até que Sarah toma iniciativa e resolve falar.

- Está um lindo dia hoje, não acha? – em sua mente ela achava que não, não era um lindo dia. Só que estava cansada do silêncio entre elas duas, talvez esse não tenha sido o melhor comentário, porém o silêncio só a deixaria mais triste.

- Até que está bonito, apesar de tudo. Sabe Sarah, quando estávamos na escada, eu vi algo. Eu não

sei como explicar era como se eu não estivesse ali naquele instante. Eu vi algumas imagens em minha cabeça. Bom, acho que não é o melhor momento para falar sobre isso.

- Tudo bem, se é o que você acha, me conte quando for o melhor momento.

As duas permaneceram ali durante o resto do intervalo, com o olhar distante, sem prestar muita atenção ao que acontecia ao seu redor. De fato, para Rosa, o melhor de estar nos fundos da escola, era não precisar olhar para a torre da igreja durante todo o tempo. Como se neste local os olhos relógios da torre não pudessem vê-la. As duas ficaram tão tranquilas em tal local que nem perceberam os garotos que se aproximavam lentamente. Eles não aparentavam serem do tipo educado. Eram quatro ao todo, três com cabelos escuros e um louro. Dois de cabelos escuros e o louro eram de estatura mediana, o outro jovem de cabelos escuros era mais baixo e aparentava estar um pouco acima do peso.

Um dos indivíduos de cabelos escuros e o gordinho tomaram a dianteira, quando chegaram atrás das duas amigas, agarraram-nas e as jogaram de costas

no chão. Rosa e Sarah sentiram as dores do impacto se espalhando por seus corpos. O jovem acima do peso imediatamente tampou a boca delas com as mãos. Ajoelhados sobre elas amarraram um pano em suas bocas para que elas não gritassem.

Rosa pensou em que local estariam os outros alunos? Para onde foram? E como se pudesse responder mentalmente Sarah afirma que o horário do intervalo já tinha acabado fazia tempo. Teria o tempo parado para elas? Envolvidas em distorção temporal, imersas em seus pensamentos. Sem perceber os fatos alheios que rodeavam suas vidas naqueles momentos.

Os outros dois garotos que estavam de pé se aproximaram e seguraram as pernas das meninas. Enquanto que os que estavam ajoelhados sobre elas agora seguraram os seus braços. Sarah conhecia apenas um deles, o gordinho, seu nome era Alfredo Rivier. Filho do prefeito da cidade, este, um dos responsáveis pela iniciação. Eles amarraram as pernas e braços das meninas com cordas finas, mas resistentes o suficiente para impedir que elas ficassem se debatendo.

Sarah e Rosa estavam deitadas no chão uma ao lado da outra e de cada lado se encontravam dois dos garotos.

- Então, suas cadelas, acham que é legal que outros alunos fiquem levando tapas por causa de vocês? Acham legal que alunos morram por causa de vocês? – diz Alfredo. As duas meninas não podiam responder estavam com suas bocas tapadas. Os garotos pareciam adorar isso, não paravam de dar risada.

- É claro! – continuou Alfredo – Vocês não podem falar. E nem se mexer. Que pena, porque vamos ter que dar uma lição em vocês duas. Sabe Sarah, você poderia ficar fora disso, nosso problema, o problema de todos nós nessa ilha e incluindo os seus problemas, é causado pela Rosa, por pessoas como ela! Mas, como você é amiga dela, talvez queira fazer companhia para ela! – novamente os garotos riam como se estivessem assistindo a uma apresentação de algum comediante.

- Ora meninas! Não sejam tímidas. – dessa vez quem falou foi o louro, José Soteranin, filho de um dos policiais da cidade – O que foi, o gato comeu sua língua?

- Cale a boca! – respondeu raivosamente Alfredo
– Sabe que não gosto de ser interrompido ou será que vou ter que te bater de novo?

- Desculpe, Alfredo.

Rosa e Sarah estavam deitadas, sentindo a grama abaixo de seus corpos e céu acima delas, vendo tudo o que se passava, sem poderem fazer nada. Os garotos as encaravam, como se tentassem descobrir os medos delas através de seus olhos. Foi Alfredo, que como líder da pequena quadrilha, tomou as iniciativas. Guiando sua alcateia de cães selvagens e raivosos.

Ele começou a rasgar as roupas de Rosa com um tesoura que havia trazido no bolso, os outros logo o seguiram. Ao terminarem ficaram ali, olhavam as duas meninas nuas jogadas na grama, ambas se debatiam tentando fugir em vão. Elas tentaram gritar e o único som que conseguiram produzir foram baixos murmúrios. No momento elas esperavam o pior. Mas os garotos não o fizeram. Eles abaixaram as calças e começaram a urinar sobre as duas meninas, os quatro davam risadas, cada um com um olhar sádico no rosto. Após, eles soltaram as meninas e voltaram correndo para dentro da escola, contaram para o diretor e para alguns professores que as

duas meninas estavam brigando no pátio da escola e que eles apaziguaram a briga. Mais uma verdade distorcida, mais um criminoso impune.

O diretor e alguns professores foram até o pátio, levaram consigo algumas roupas para as meninas que agora estavam sentadas nuas na grama, chorando. Como se o choro pudesse resolver todos os nossos problemas, pode no máximo apaziguar nossos sentimentos. Quando o diretor e os professores chegaram perto, as duas meninas tentaram explicar o que havia acontecido, sem sucesso. O diretor interveio.

- Não quero saber de suas histórias! Já sei a verdade! E não venha me dizer que o filho do prefeito mentiu para mim! Você Sarah andando com uma menina como Rosa? Como pode? Todos sabem que quando ela nasceu tinha a marca de Y'zühr. E agora você resolve tomar o mesmo destino que ela?

- Do que você está falando? – respondeu Sarah.

- Ah, é claro. Vocês ainda são muito novas para saber de tudo isso, mas quando chegar o momento você compartilhará ele com Rosa. – respondeu o diretor.

Rosa estava perplexa, não fazia a menor ideia sobre o que eles estavam falando. Tentou encontrar em

sua mente uma resposta sobre o que seria essa tal “marca de Y’zuhr”, nada encontrou. Mais tarde talvez ela descubra. No momento, ela apenas pegou as roupas que os professores trouxeram e se vestiu. No céu o sol não brilhava mais, nuvens de chuva começaram a chegar, vindas do mar, a temperatura começou a baixar. E ao fundo, dentro do prédio da escola, o sinal tocou indicando que este período de aula chegou ao fim.

Agora as duas meninas já estavam vestidas novamente, de pé em frente ao diretor. Os professores já se afastaram, retornando para dentro da escola.

- Então, senhorita Rosa Erromobut. Eu deveria te dar uma suspensão, para você e para a senhorita Sarah Castelli. Mas, não vou fazer isso. Afinal, a iniciação se aproxima. É normal algumas pessoas ficarem nervosas e cometerem alguns erros. – disse o diretor – Eu lhes digo apenas uma coisa meninas. O tempo ainda é tempo, vamos da vida para a morte e da morte para a vida, a vida e a morte giram em torno de um mesmo eixo. Não há como desfazer o que já foi feito, não há como apagar o passado. Através do passado é que chegamos até o presente, através do presente iremos até o futuro.

Sem compreender muito bem sobre o assunto que o diretor falava as duas meninas simplesmente concordaram para não serem castigadas por questionarem a autoridade e seguiram seu caminho atravessando o pátio até a escola. O diretor permaneceu onde estava próximo ao cercado, olhando para o céu. Quando as meninas estavam entrando no prédio da escola ouviram o diretor, distante no final do pátio, gritar algumas palavras que elas nunca tinham ouvido.

- O TEMPO AINDA É TEMPO! SIT Y'ZUHR ILAR UB Y'ZUHR RET NEHR Y'ZUHR! – palavras que fizeram as duas meninas sentirem calafrios e desejarem nunca terem saído de casa naquele dia.

Após retornarem ao prédio da escola as duas amigas se dirigiram até a escada e subiram até sua sala de aula para pegaram seu material que ainda estava lá. A escola já estava vazia, elas não sabiam ao certo quanto tempo ficaram fora da aula. De fato, tempo suficiente para o seu período de aula terminar. Acreditavam que fosse quase meio dia. Pegaram seus materiais e quando estavam saindo da sala de aula é que perceberam todo o silêncio que tomava conta da escola. Nenhum som nos corredores ou dentro das salas

de aulas, somente o uivo fantasmagórico do vento circulando através das janelas do prédio. Deixando toda a escola como que abandonada, esquecida do tempo, como se nem mesmo pertencesse a este mundo. Talvez nesses momentos ela pertencesse a um mundo não-vivo. Só de pensar nisso as meninas resolveram andar de mãos dadas até saírem da escola.

Quando estavam no escuro e longo corredor, o som de seus passos ecoava dando-lhes ainda mais a sensação de solidão e esquecimento, como se estivessem aprisionadas e nunca fossem sair daquele local. Como se estivessem andando sem rumo pela garganta de algum demônio. Continuaram andando até chegarem à escada, ali pararam, ante o cheiro de morte que pairava no ar. Que trouxe a mente delas todas as lembranças do que havia acontecido mais cedo. Começaram lentamente a descer a escada, esperando que a cada andar em que parassem fossem ver o garoto morto esperando por elas. Fato que não chegou a acontecer.

Quando estavam no último degrau, o vento soprou mais forte lá fora, janelas de alguma casa perto bateram e seus vidros quebraram, árvores chacoalharam

produzindo um som como se uma onda gigante estivesse chegando próximo à escola, pássaros voaram assustados, e do uivo do vento, Rosa e Sarah ouviram palavras, palavras essas que lembravam a voz de um menino, que talvez tenha morrido naquela mesma manhã.

- Ilha, morte, vida. – palavras que Rosa e Sarah não esqueceriam.

As duas meninas saíram correndo pelo saguão, assustadas, cheirando a urina, chorando e ainda assim sentido o cheiro estranho impregnado na escola, o cheiro da morte. Quando saíram da escola finalmente se acalmaram, lá fora o sol ainda brilhava em meio às nuvens de chuva que iam se aproximando pouco a pouco, trazidas pelo vento que soprava quase que continuamente. Nuvens escuras, densas e pesadas que talvez muitos poderiam dizer como sendo um mau presságio.

A cidade estava morta, por maneira de assim dizer, afinal era meio-dia, todas as pessoas encontravam-se em suas casas almoçando. Somente Rosa e Sarah ainda caminhavam pela rua, voltando para suas casas, sem saber o que falaria a seus pais sobre

o ocorrido com elas. As duas caminharam lentamente, sem muita preocupação com o tempo, afinal o tempo ainda é tempo e a morte não atingiu seu ápice.

- Sarah? – perguntou Rosa

- Hum.

- O que você acha que o diretor quis dizer com “o tempo ainda é tempo”?

- Eu não sei, mas foram estranhas aquelas palavras que ele disse no final, gritando feito um louco. Ele deve ter ficado meio abalado com a morte do aluno.

- Quem não ficaria?

- Mas eles sempre dizem a mesma coisa, “a iniciação se aproxima e isso é normal”.

As duas permaneceram em silêncio perante as recordações que estas palavras traziam. Rosa olhou para o centro da cidade, onde a igreja estava, para que elas cheguem em casa elas terão que passar pela frente da igreja. Rosa sentiu que os relógios “olhos” da igreja ficavam vigiando tudo que elas faziam, assim como tudo que elas pensavam. Era uma idéia boba, mas ela achava que Sarah pensava da mesma forma. Pois ela também estava olhando para a torre da igreja. As igrejas e suas torres, sempre lembrando as pessoas de seus pecados,

mantendo o sentimento de culpa na mente das pessoas. Tornado-as mais susceptíveis à doutrinação.

O vento ficou mais forte, nuvens mais escuras se aproximavam deslizando pelo céu, as duas meninas apressaram o passo. Ao passarem pelas casas ouviam apenas o som das famílias conversando em mais uma reunião diária para suas refeições. Ao mesmo tempo não deixavam de sentirem como se estivessem sendo sugadas em direção a igreja e a sua torre com relógios “olhos”, apenas esperando o momento em que elas estariam em sua frente para abrir suas portas e libertar os demônios, ou melhor, anjos que lá dentro vivem. E estes por sua vez devorarem as duas meninas. Pois o mal se esconde atrás de toda forma angelical. Máscaras da ilusão, representantes divinos guiando os rebanhos humanos rumo à escravidão.

As duas passaram pela frente da igreja, não havia nada de diferente, apenas a penumbra das nuvens que bloquearam o sol e o som do vento que uivava e se lamentava entre as frestas das janelas da igreja. Depois de alguns metros a felicidade tomou conta das meninas, sabiam neste momento tenderiam apenas a se afastar da igreja. Durante alguns minutos elas esqueceram as

explicações que teriam que dar para seus pais. Ainda assim, mesmo tomadas pela felicidade temporária, evitavam trocar palavras, com medo de que tão logo começassem a conversar chegassem a uma discussão sobre o que aconteceu na escola. Elas apenas aproveitavam a companhia uma da outra. Afinal, a amizade não é feita apenas de palavras, muitas vezes o silêncio pode valer mais do que palavras sem sentido.

Alguns metros adiante, após terem passado pela igreja, Sarah se despediu de Rosa, pois já estava em frente de sua casa. Uma despedida simples e diária. Sarah abriu o portão e atravessando o jardim seguiu caminho até a porta de sua casa. Abriu a porta, antes de entrar olhou brevemente para Rosa que já começou a seguir seu caminho até o final da rua. Sarah temia que esta fosse uma das últimas vezes em que veria sua amiga Rosa.

Rosa seguiu seu caminho olhava para o chão, acompanhava cada movimento de seus pés que aceleravam cada vez mais até o ponto de correr, quando lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto indo de encontro ao chão empoeirado de areia. Ela apenas parou de correr quando chegou ao portão de sua casa.

Quando então já sentia uma dor, como um pontada na lateral de seu abdômen, devido á corrida com a qual ela não estava acostumada. Além do mais já se passaram vários minutos do seu horário de almoço, sua barriga começava a roncar e a importuná-la implorando por comida. Incomodo insignificante causado por seu estômago. Muitas pessoas nunca saberão o quê realmente é ter fome. Chegando a ponto de morrer de fome, literalmente.

Ela passou pelo portão, atravessou o jardim simples, chegou em frente à porta de casa. Paralisada, é assim que Rosa se sentia, pensando no que poderia dizer para seus pais no momento em que abrisse a porta e se sentasse à mesa para o almoço.

A fome se tornava maior do que o medo, ela abriu a porta, adentrou a penumbra de sua casa. Ninguém perto da entrada, passou pela sala, seguiu até a cozinha. Neste cômodo estavam seus pais, sentados à mesa, almoçando, mas tão logo Rosa chegou eles interromperam suas refeições. E passaram a encará-la. Como em unísono os pais de Rosa fizeram a mesma pergunta.

- Então, acho que você nos deve algumas explicações.

Esse é um fato que Rosa ainda gostaria de entender. Como as pessoas de Serenidade gostavam tanto de espalhar as “novidades” sobre fatos ocorridos. Todos adoravam falar sobre a vida alheia, sobre todos os acontecimentos da ilha. Se alguma pessoa se cortasse com uma faca acidentalmente e esta pessoa morasse em uma das extremidades da cidade, em uma hora muito provavelmente todas as pessoas já estariam sabendo que determinado indivíduo havia se cortado com uma faca. De fato, isso não ocorre somente em Serenidade, mas com toda certeza em muitas outras cidades mundo afora. As pessoas estão sempre ansiando pelo sensacionalismo barato que abunda nos terrenos alheios.

Rosa deu continuidade à conversa respondendo a pergunta de seus pais.

- Eu, eu... Não sei como explicar... Foram tantas coisas ao mesmo tempo.

- Isso não é desculpa! – berrou o pai de Rosa. Um homem alto e magro, que passava o dia inteiro trabalhando nas plantações e no mar. – A sua sorte é

que a iniciação está se aproximando! E as pessoas costumam aceitar os acontecimentos dessa época... Incluindo meninas que matam colegas empurrando-os das escadas!

- Mas eu não fiz isso!

- Cale-se! E escute seu pai! Não questione nossa autoridade! Nós sabemos muito bem que de santa você não tem nada... E que pode muito bem ter feito isso.

Rosa sabia por si mesma que não era perfeita e que nem sempre fazia tudo certo, afinal, como qualquer pessoa ela também cometia erros. Em alguns momentos ela preferia ignorar, encarando esses erros como parte do ciclo de amadurecimento. A única coisa que ela tinha certeza é que não almoçaria tão cedo. Da mesma forma que também não ficaria ouvindo seus pais brigando com ela por causa de um acontecimento que ela tinha apenas presenciado e não executado.

Ela não conseguia aceitar a idéia de seus pais acreditarem mais nas palavras de outras pessoas do que na da própria filha. Os pais conhecem a vida de seus filhos desde o momento de nascimento, conhecem seus gostos e desgostos. Já os filhos, só conhecem a vida de seus a partir do limite de suas recordações, os filhos

praticamente nada sabem sobre os anos de vida de seus pais antes de seus nascimentos. Desconhecem os erros atrozes e as vitórias magníficas realizadas por seus pais. Conhecem mais profundamente os seus amigos do que os próprios pais.

Todos esses pensamentos passaram em um curto período de tempo na mente de Rosa, como se o tempo dentro da mente dela e talvez dentro de nossas próprias mentes fosse diferente daquele vivenciamos. Os pais de Rosa continuavam a encará-la, esperando que ela lhes falasse algo para que então eles pudessem contrariar as afirmações dela. Demonstrando novamente o poder de sua autoridade, como se em todas as ocasiões possíveis as autoridades sempre fossem detentoras da verdade.

- É... Vocês estão certos, deve ser por causa desses tempos que se aproximam – Rosa respondeu. Baixou sua cabeça e subiu para seu quarto.

Seus pais ficaram estáticos, parados na cozinha, trocando olhares vagos, não sabendo ao certo o que fariam. Esperavam que ela falasse incessantemente tentando desculpar-se dos acontecimentos. Eles a repreenderiam palavra após palavra até que ela começasse a chorar. Nada ocorreu como eles

esperavam. Ela simplesmente concordou e saiu da cozinha, sem nem mesmo chorar na frente deles. É claro que eles perceberam os olhos úmidos que ela tinha, entendendo talvez que ela já tinha chorado o bastante naquela manhã.

Quando chegou em seu quarto Rosa jogou a mochila em um canto, foi até sua cama encostada na parede, abaixo da janela, da qual ela podia ver a rua e ao final a igreja com sua torre, que tanto a intimidava. Ela fechou as simples cortinas, apenas um tecido pendurado. Sua mãe estava esperando os próximos comerciantes chegarem de navio para comprar uma cortina nova. Porém, na situação em que ela estava, esse pedaço de tecido foi o bastante para bloquear a visão da torre. Rosa se questionou o que haveria lá, capaz de fazê-la sentir atração e medo. Seria algum espírito encarcerado? Ela achou que não, mas seja o que for, podia muito bem estar relacionado com a iniciação. Existe a possibilidade de que ela descubra o que há dentro da torre da igreja em um futuro não muito distante.

Ela deitou na cama, ainda sentindo um pouco do cheiro de urina dos meninos e da sua própria que ela

havia esquecido de limpar naquela manhã. Mesmo com este cheiro fétido, ela permaneceu deitada, olhando para o teto do quarto. Esperando que o próximo dia fosse normal. Esperando a tarde terminar, a noite começar e terminar, um novo dia raiar. Desejou que tudo fosse um pesadelo, desejou que cada suspiro fosse o último em sua vida.

Passaram-se alguns minutos do meio-dia, ela sabia porque ouviu seus pais saindo de casa para trabalhar, muito provavelmente conversando a respeito dela. Da cidade chegavam sons de vozes, risadas e pessoas caminhando, pessoas correndo. Todos seguindo mais uma vez sua vida rotineira, sem nenhuma preocupação com o que está por vir. Afinal as pessoas querem um trabalho, dinheiro, comida e uma vida estável, ninguém quer se preocupar com questões que só podem ser resolvidas em longo prazo, questões com as quais somente seus filhos e netos terão de se preocupar. Pois a atual geração que poderia ter resolvido esses problemas já estará morta, já terá vivido sua vida “estável” e “rentável”.

Rosa fechou seus olhos, sabendo que estava sozinha em casa ficou mais calma. Em época de

iniciação se você cometeu algum delito foi por causa dos tempos que se aproximavam. Ela começou a dormir, um sono agitado e com sonhos sem nexos, apenas lembranças recentes que voltavam à tona. Sonhos que mais pareciam tirados de livros de ficção científica, envolvendo criaturas deformadas, distorções temporais, governos ditatoriais.

Passada a agitação dos sonhos iniciais ela começou a sentir como se estivesse voando, sentiu-se leve e livre, deslizando pelo céu. Abaixo e até onde seus olhos conseguiam ver havia somente o oceano. Até que um ponto escuro surgiu na linha do horizonte. Ela seguiu na direção do ponto escuro, ele foi se tornando maior conforme ela se aproximava. Ela logo percebeu, o ponto era uma ilha, a ilha em que ela morava. Não o lado onde estava a cidade, voltado para o continente e sim o lado oculto que era voltado para o oceano.

Uma parte da ilha que escondia segredos, os segredos que todas as cidades guardam em seus cantos escuros, sombrios e ocultos. Segredos que levam a uma contradição de pensamentos nos quais as pessoas acreditam na existência de um ser onipotente e onipresente, portador de telepatia, conhecedor de todos

os pecados das pessoas. E, no entanto, mesmo louvando esse amigo imaginário que supostamente condena pecados ao castigo eterno, as pessoas continuam a cometer delitos que vão contra suas crenças mais profundas. Seria até inusitado afirmar que muitas pessoas possuem alguma forma de distúrbio mental que possibilita as terem múltiplas personalidades que contradizem umas às outras.

Quando se aproximava da ilha, voando rente ao mar, Rosa começou a ouvir alguém chamando seu nome, primeiro distante e depois mais próximo. Então ela parou de seguir seu caminho. Ficou parada, flutuando no ar, ela estava bem próxima da ilha. Perto o bastante para que pudesse ver algo se movimentando entre as árvores. E a voz voltou a falar com ela.

- Veja Rosa, procure ver além do que seus olhos realmente mostram, o que você vê?

- O lado proibido e oculto da ilha.

- Sim, eu sei, mas preste atenção. Perceba, não olhe com seus olhos, olhe com sua mente! Abaixo das árvores que cobrem este lado da ilha. As sombras se movem, independentes do vento... Pois não são sombras, há algo ali Rosa, algo que está errado e que

permaneceu assim por muito tempo e agora isso precisa mudar! A estrutura de nossa sociedade já foi por demais abalada.

- Então faça parar se é assim tão importante.

- Não posso pequena Rosa. Pois eu estaria interferindo demais... Logo você terá que...

O sonho começa a ficar enevoado, Rosa não consegue ouvir o final da frase, ela tenta voltar, continuar dormindo, não consegue. Grita numa tentativa de fazer a estranha voz, tão angelical e calma, voltar. É tudo em vão. Ela acorda, já é noite, seus pais deixaram uma xícara de chá ao lado de sua cama com um bilhete dizendo que a amam e que tudo ficará bem.

- Bem? – falou Rosa para si mesma – O que eles sabem sobre as coisas ficarem bem? Há algo errado, sim, sempre houve. As pessoas ignoram, ignoram os acontecimentos errados, assim como as pessoas que dia após dia negam ajuda para os famélicos que imploram por ajuda nas ruas. Há algo errado, existem muitas coisas erradas e poucas pessoas que procuram mudar essas situações.

Rosa estava sentada em sua cama, olhava para um relógio que estava na cabeceira, de fato ela nunca

tinha prestado muita atenção nele, já havia se acostumado com o seu som monótono e constante, “tic-tac”. Ela olhava para ele com concentração, tentava entender o tempo que escorre por entre nossos dedos como água da chuva pelo solo árido e impermeável. Ninguém nunca terá seu tempo de volta, assim funciona o universo. Se todas as regras possuem uma exceção, então há apenas uma que não pertence a este ditado. A regra de que todas as pessoas um dia vão morrer. Esta é a regra que ainda não possui uma exceção.

- Algo está errado... E precisa parar. Mas não é o tempo, pois ele não para por nada. E mesmo se ele parasse nós pararíamos com ele e não poderíamos perceber tal acontecimento.

Por ela nunca ter dado atenção para o relógio, ele já não marcava o horário correto, era apenas noite, estava escuro lá fora, a cidade calada, ao fundo o constante som do mar e nada mais. Até o vento se calou, apesar de durante a manhã o vento ter trazido nuvens pesadas, estas ainda permaneciam sobre a ilha e toda a região até o horizonte. Rosa abriu a cortina do quarto, viu a rua vazia, as luzes dos postes acesas, as luzes dos relógios “olhos” da torre da igreja também. Uma névoa

estava começando a se formar, dificultando a visibilidade. Ao olhar para a montanha que dividia a ilha, ela conseguiu ver algo que a princípio não tinha certeza do que era. Eram luzes no alto da montanha, ao longo de toda sua extensão. Provavelmente fosse fogo e não luz elétrica, ela contou e ao todo eram treze pontos de luminosidade, espalhados sobre a montanha.

Rosa ficou parada, olhava vagamente para a trêmula luminosidade no alto do morro. “Veja Rosa há algo errado ali, algo que precisa parar”. Eram os tempos que se aproximavam, a iniciação. Por fim após alguns minutos ela fechou a cortina, deitou-se na cama e voltou a dormir. Dessa vez não teve nenhum sonho estranho, somente doces lembranças mescladas com o lado bom da imaginação.

. . .

Para Sarah o momento de chegar em casa não foi tão fácil como para Rosa. Teve de escutar um breve discurso de seus pais sobre ela não falar mais com Rosa. Levar algumas açoitadas com um pedaço de corda que seu pai usava para atracar os pequenos botes

na praia. O que rendeu à Sarah, marcas vermelhas e cortes em suas costas, nádegas e pernas, a marca da mão de sua mãe na face esquerda de seu rosto e muita dor.

- É para seu bem minha querida! – gritou a mãe de Sarah. Levantou sua mão no ar e antes que a menina pudesse virar o rosto a mão encontrou sua face. Um alto estalido ressoou na sala da casa. Gotas de sangue respingaram do nariz de Sarah, ela caiu no chão.

Sarah levantou levemente o rosto e viu que seu pai buscou o prometido, a corda. Que devia ter dois a três centímetros de diâmetro. Sarah estava tonta e com náuseas, o mundo parecia enevoado. Viu sua mãe se afastar e fechar a porta que o pai tinha deixado aberta, ele caminhou em sua direção, o pedaço de corda chacoalhando lentamente com o impulso da mão. Sarah tentou se levantar para escapar do “castigo”. Ela estava de lado para seu pai, no momento em que ela tentou se apoiar num joelho para se levantar e correr, o silêncio da sala que só era interrompido pelo som da respiração ofegante das pessoas ali presentes e pelo cheiro de medo e de louca insanidade, foi interrompido pelo ressoar de uma corda agitada com velocidade pelo ar.

Sarah ouviu o som seco da corda ao encontrar a parte inferior de suas costas. A dor de como sua pele estivesse sendo arrebentada, soltou um grito alto e caiu novamente.

- Isso é para você aprender a não andar com certos tipos de pessoas durante a iniciação! E isso é para se calar e nos obedecer. Para aprender a não questionar nossa autoridade e nem romper nossas tradições!

Mais cinco sons consecutivos, Sarah sentiu cada impacto como se a corda fosse na verdade um ferro quente sendo batido sobre seu corpo. Em suas costas, pernas e nádegas, cortes profundos, o sangue escorria, sujando a roupa de vermelho. Ela gritava e chorava.

Eram tempos complicados, a iniciação estava mais próxima a cada minuto. Nesse meio tempo era comum que as pessoas perdessem a cabeça e fizessem coisas que não gostariam ou pelo menos não demonstravam que gostariam. Há um assassino dentro de cada um de nós, apenas aguardando o momento mais propício para escapar. Demonstrando toda a nossa animalidade. Em Serenidade, durante três a sete dias, a cada três ou quatro anos, as pessoas deixavam este

lado delinquente aflorar. Infelizmente alguns inocentes morriam, mas seus assassinos eram perdoados, como se nada tivesse acontecido, pois era a tradição. A tradição dogmática que bloqueia a visão de tantas pessoas mundo afora.

Sarah estava caída no chão, chorando, sentindo o calor da dor, esperava que tudo aquilo terminasse para ela ir dormir. Porém, seria uma noite longa. Ela levantou o rosto, viu seus pais parados lado a lado. Com olhos profundos e penetrantes e ao mesmo tempo distantes. Pupilas dilatadas e rostos pálidos.

- Tradição, tradição... As tradições devem ser mantidas a todo custo. – falaram os pais de Sarah em uníssono.

A menina tentou abrir a boca para questioná-los, no mesmo instante, sua mãe chutou seu rosto, uma, duas, três vezes. Apenas o suficiente para silenciar a menina.

- Você questionou a autoridade, desobedeceu a sua ordem e deve pagar por isso. – falam seus pais juntos mais uma vez.

Após isso, o mundo escureceu para Sarah. Ela sentiu que alguém estava erguendo-a do chão. Durante

esse período inconsciente teve um breve sonho. Semelhante aos sonhos de Rosa. Ela viu a ilha, do alto, como se fosse um pequeno ponto no meio do oceano, foi descendo no princípio lentamente, quanto mais descia mais acelerava, ela estava em queda livre, sem expectativas de parar antes de bater contra o chão. Enquanto caía ela ouviu uma voz suave lhe dizendo palavras que a princípio pareceram sem nexos, mas logo fizeram algum sentido.

- O tempo ainda é tempo e do tempo somos apenas passageiros. Não podemos ultrapassá-lo e nem voltar ao começo. Tentamos dominá-lo, mas nos iludimos. Pois ele nos governa e nós giramos em volta dele, orbitando, correndo, lutando contra o tempo. No final é sempre o tempo que tudo controla, permanecemos na companhia dele até que ele se canse de nós. Então, pelo menos para aqueles que foram descartados pelo tempo, o tempo deixa de ser tempo. A vida fecha seu ciclo. O vazio absoluto reina e a consciência se desfaz.

Sua queda continuou e quando estava a poucos metros do chão, ouviu outra voz, dessa vez nem um pouco suave.

- Acorde, sua maldita! – era a voz de seus pais, ambos continuavam falando ao mesmo tempo.

. . .

Interlúdio

Eu acordei, achando que hoje seria mais um dia tranquilo de trabalho. Estava deitado na cama, acordado, mas ainda pensando se eu deveria abrir meus olhos. Talvez eu devesse dormir mais alguns minutos. Do fundo de minha cabeça veio uma voz que me disse: “Acorde! Você tem um ótimo dia pela frente”.

Sim, eu realmente achava que sim. Abri uma pequena fenda em minhas pálpebras, não muito, apenas o suficiente para perceber a claridade. Nossa! Quanta claridade! Devia ser um daqueles belos dias ensolarados em que você acorda e se sente disposto a fazer qualquer coisa. Um dia no qual o ar parece ficar mais leve e até mesmo a gravidade parece deixar de existir.

Por fim, resolvi abrir os olhos. Será que algum dia eu perceberei o erro que cometi? O que vi não era nada agradável. Quatro paredes, um teto e um chão, todos

brancos, estofados com algum tipo de forro macio. Minha cama, tal qual uma cama de prisioneiro, também branca, com um pequeno travesseiro e um lençol, ambos brancos. Onde será que estou? Numa das paredes vejo uma porta sem maçaneta. Apenas algo que parecia ser uma pequena portinhola na parte inferior, como uma entrada para cartas, mas estava fechada.

Não me recordo como vim parar aqui ou que lugar é este. Em um canto superior do quarto, onde duas paredes se encontravam com o teto, havia algo estranho. Parecia uma câmara. Estaria alguém me vigiando? E se estão fazendo isso, por qual motivo?

Perguntas e mais perguntas todas sem respostas. Sentei-me na cama, como eu deveria imaginar, também estou usando roupas brancas. E a luz? De onde vinha tanta claridade? Seria de um pequeno sol iluminando esse meu mundo? Mundo? Isso é apenas um quarto e a luz vinha da lâmpada fluorescente localizada na região central do teto.

Ah, mas como era uma lâmpada bela, ela bem que poderia ser meu pequeno sol e este quarto meu pequeno mundo. Aquela câmara, o quê poderia ser? Sim, o olho de deus, apenas me vigiando.

- Pare com essas ideias estúpidas, você sabe o motivo de estar aqui!

Como eu poderia estar ouvindo isso se não havia mais ninguém aqui e como essa voz ou esse alguém poderia saber o que eu estava pensando?

- Não seja tolo, eu sou você. Você sou eu. E o tempo ainda é tempo.

- Como você pode ser eu? Então se você sou eu. Como eu vim parar neste lugar?

- Você não se lembra? Do sangue, da pedra e do tempo? Com que lugar você acha que este quarto se parece?

- Eu não sei. Talvez seja o mundo e além dele nada existe. Temos nosso sol brilhando sobre nós e deus nos vigiando. E o tempo? Bom, ele começou... Não sei. Sei que eu trabalhava em algum lugar, talvez para deus? É isso, esta é a resposta mais coerente.

- Eu me envergonho de ser você. Isto é um sanatório, um hospício. Se você preferir, pessoas que se consideram normal, trazem pessoas que são diferentes para este lugar. No seu caso... No nosso caso, somos pessoas bem diferentes. Nossos atos nos condenaram.

Talvez possa até ser uma prisão. Que inferno! Todo dia é a mesma coisa, você sempre se esquece de tudo!

Vozes em minha cabeça, eu falo comigo mesmo? Existe mais alguém dentro de mim, eu sou ele e ele é eu. Levanto-me da cama, a voz parece ter sumido, ainda assim não sei como cheguei aqui. Talvez eu tenha nascido aqui e crescido aqui. Levanto e começo a caminhar, pisando descalço no chão estofado. Como é macio, eu penso. Sim, eu penso. Mesmo não sabendo se é certo pensar. Talvez seja melhor ser ignorante e não ver a realidade. Mas e toda a conversa? Durante ela eu falei com vozes diferentes, como se em cada momento uma pessoa diferente usasse meu corpo. Continuo andando em círculos dentro do quarto. Como ele é belo. Talvez ele pudesse ser meu mundo. Não, o mundo deveria ser maior. Eu não sei, não me lembro. Acho que esse é o mundo, sim, esse é o mundo. E eu sou dono dele. Mas tem aquele outro. Aquele que diz ser eu.

Devo ficar atento nos momentos em que ele voltar. Sinto que ele quer meu mundo para ele. Ah, mas talvez essa câmera esteja me observando. O que seria ela? O que há depois dela? Outro mundo? Não, isso não parece racional, se aqui é o mundo, lá não pode ser.

Ouço barulhos ritmados, se aproximam de mim, do meu mundo. Ouço sons, parecem gritos. Mas como? Vindos de outros mundos? Não, outros mundos não. Devem ser as vozes do inferno, o lugar para onde eu devo mandar aquele que diz ser eu. O som ritmado está aumentando, parecem passos. O que eu vejo? A porta se abriu, eu vejo a escuridão do espaço. Nada além da escuridão e os gritos do inferno. Algo se move na escuridão. Seriam as vozes infernais querendo me pegar? O que eu vejo agora? Uma mão, sim uma mão, me trazendo sólidos de sobrevivência! Sólidos de sobrevivência, isso, é assim que vou chamá-los. Talvez em outros mundo chamem de comida, aqui serão chamados de sólidos de sobrevivência, acompanhados de líquidos de sobrevivência.

Da escuridão que havia atrás da porta chega uma voz.

- Hora do café da manhã! Coma e depois reze para você se livrar de sua doença, meu amigo.

Eu me pergunto, de onde viria essa voz, não parecia ser do inferno. Poderia a voz de deus, sim, somente ele poderia me dar sólidos de sobrevivência. Se eu pude perceber mesmo na escuridão uma silhueta alta,

semelhante a um homem, mas não era um homem, era? Poderia ser deus? Deus é bom, me vigia e me alimenta em meu mundo!

Ele me pediu algo, reze, ele disse. Sim, para se livrar da doença... Espere. Alguém se aproxima, dentro de minha cabeça. Eu o sinto, sinto a dor de algo dentro da minha cabeça, ela dói, parece que vai explodir tal qual um balão que infla sem parar. Dói como se um animal estivesse se debatendo dentro dela.

- Vamos seu louco! Sou eu, aquele que é você! Pare com essa loucura. Esse não é o mundo. O mundo é lá fora e a droga da câmera não é o olho de deus. Os gritos não são do inferno, são dos outros loucos internados. Você e eu temos que sair daqui. Enquanto o tempo ainda é tempo.

- Isso é ridículo! Se existisse algo além daqui deus me diria! Além deste mundo só há o inferno! Tenho que ter fé para ser recompensado.

- Mais uma vez eu lhe digo, seu tolo! Você tem que se lembrar do sangue e da pedra. Lembre-se do sabor do sangue que você derramou, do cheiro adocicado, dos gritos de agonia, das pessoas se

contorcendo de dor! Quantas você matou? Vinte, talvez trinta? Lembre-se eu lhe digo!

- Cale a boca! Saia de minha cabeça! O mundo é aqui, o tempo é aqui! Eu sei quem você é! Você não pode ser eu, você deve ser a Doença, sim! Deus me disse para me livrar de você. Suma daqui!

O tempo passa. Sim, parece que o Sr. Doença se foi. Agora sou apenas eu e o mundo. Como isso é bom! Meu mundo, meu tempo e meu deus me protegendo. Sangue e pedra? Nunca ouve nenhuma pessoa nesse mundo além de mim. Eu fui criado a imagem de deus e eu sou a perfeição. Outros mundos? Assassinos? Como eu poderia matar alguém? E mesmo que eu matasse, eu poderia ser perdoado, por rezar é claro. Quem reza sempre é perdoado. Não ter fé é um crime muito maior do que assassinato, é um crime que leva ao inferno! Isso é coisa do Sr. Doença, é sim. Assim é. Eu nunca matei ninguém. Matei?

Claro que não. Vou comer, sim, sólidos de sobrevivência, como são bons! Grãos brancos, grãos pretos, coisas compridas amareladas com líquido vermelho, folhas verdes, seria arroz, feijão, macarrão e salada? Deve ser. Não sei, mas deve ser, o Sr. Doença

deve saber, mas tenho que me livrar dele, ele parece representar a racionalidade, mas como diferenciá-la da irracionalidade se tenho um amigo imaginário me observando? Pois assim falou deus: “livre-se da doença”. Espere, algo sobre o macarrão, vermelho, sim, vermelho, viscoso. Com um cheiro magnífico, seria sangue? Sim! É sangue, não é molho, molho, sangue, molho, sangue, molho de sangue. Morte, sangue, pedra. Imagens me vêm à cabeça. Sonhos desconexos, eu estou acordado. Seriam lembranças? Eu vejo pessoas, vejo muitas pessoas, amarradas, chorando. Ali não existia deus. Ah! Mas se existia ele estava muito ocupado abrindo mares ou transformando cajados em serpentes. Olho para minhas mãos e vejo uma pedra afiada. O local é escuro, sombrio e úmido. Não como aqui que é iluminado, lá é escuro, o sol não brilha, a lâmpada é fraca. Nada de câmeras. As pessoas me olham, é uma pequena sala, talvez uma caverna. Aquelas pessoas com carne tão macia estão em duas filas, apoiadas nas paredes. Com as mãos erguidas, amarradas com cordas. Pedacos de pano estão na boca delas e seus pés também estão amarrados. Não vejo o deus-câmera naquele lugar, as pessoas choram, onde está o deus delas quando elas

precisam? Sim, sinto o cheiro de sangue, o cheiro de urina e de medo que é exalado das pessoas. Como era bom, sim! Lá, eu era deus e não o servo. As pessoas me respeitavam naquele pequeno mundo, tinham medo de mim. Eu era a autoridade, eu comandava e ninguém questionava. Viva a democracia ilusória que abunda no nosso mundo!

- Não seja idiota! Pare com isso! Não existe esse seu pequeno “mundo”. Você tem que se lembrar do sangue, da pedra, do tempo e da ilha. Há alguém lá que precisa de você.

- Cale-se Sr. Doença-eu-sou-você-você-sou-eu, eu sempre estive aqui.

- Não! Você sabe disso, só não quer aceitar! Nós já fomos livres e tentamos acabar com toda essa história de iniciação!

Neste instante, nosso estranho prisioneiro sem nome entrou em delírio, começou a gritar desesperadamente, sentindo a pior dor imaginável. Bateu as mãos freneticamente contra o rosto e a orelhas. Saliva escorreu em abundância de sua boca, os olhos pareciam que estavam prestes a sair das órbitas. Foi gritando em direção a parede, começou a bater a cabeça

contra ela, com tamanha força que nem o estofamento macio que a reveste conseguiu impedir que nosso prisioneiro começasse a ficar inconsciente.

- Como meu mundo gira! E como ele está enevoadado, rodando e rodando, gira em seu ciclo através deste cosmo infindo. Neste planeta sou apenas mais uma pessoa ridícula com sua vida medíocre imersa em tolas superstições. Minha visão começa a escurecer, a noite está chegando. Tenho que me lembrar do que aconteceu na ilha, da pedra, do sangue, das mortes, pois há alguém que irá precisar de mim.

E então o prisioneiro ficou completamente inconsciente, caído no chão do quarto, com a boca entreaberta, um fio de saliva escorrendo pelo canto esquerdo da boca, sangue fluindo de suas narinas.

Fim do interlúdio

. . .

Sarah acordou com o chamado de seus pais, ela olhou em volta, percebeu que já não estava mais dentro de casa. Estava no jardim em frente à casa. O mundo estava de cabeça para baixo, ela olhou melhor, viu que ela é que estava de cabeça para baixo. Amarrada pelos

pés em um galho de uma árvore que havia no jardim. Suas mãos também estavam amarradas e pendiam sobre sua cabeça quase encostando no chão.

- Vejo que finalmente acordou, Sarah – falaram seus pais, ambos ainda falando em perfeita sincronia.

Os dois se aproximaram da menina, andando lado a lado, dando passos ao mesmo tempo.

- Você dormiu a tarde inteira e uma boa parte da noite, não conseguimos acordar você. - Para Sarah o tempo que ela ficou inconsciente pareceu relativamente curto. Porém, ela ficou apagada durante um longo tempo - E sabemos o motivo... O motivo... É que você é uma grande porca vadia! Que só sabe dormir! E andar com sua amiguinha prostituta que logo será iniciada. Você sabia disso, ouviu nossos avisos para não ficar perto dela... Mas nos ignorou, ignorou nossas ordens! Quando chega em casa tudo o que faz é dormir! Pois bem, você fez sua escolha Sarah... Nós iremos fazer uma forma de iniciação particular para você!

Sarah tentou falar, mas percebeu que sua boca estava presa. Nesta tentativa de tentar abrir a boca despertou por completo de sua inconsciência. Pois uma dor imensa surgiu de sua de tal local, como se tivesse

levado inúmeros chutes. Que de fato foi o que aconteceu, só que isso não explicou o motivo de não conseguir abrir sua boca.

Seus pais soltaram gargalhadas, ambos novamente ao mesmo tempo. Explicaram o acontecido para Sarah.

- Pequena Sarah... Infelizmente como chutamos sua boca, ela não parava de sangrar e precisamos tomar algumas providências em relação a isso. Costuramos sua boca! Não é magnífico? Com a boca fechada não há como questionar a autoridade. Eis o desejo de todo governante! Deixar o povo com sua boca bem calada para que este não questione seus atos. Mas vamos ao que interessa! A sua iniciação particular. Devemos dizer que você ficará muito feliz.

Os pais de Sarah se afastaram por alguns minutos, ela tentou se soltar, não conseguiu. Entrou em desespero, lágrimas começaram a escorrer como rios por sua testa, sim, afinal ela estava amarrada de cabeça para baixo. Os pais retornaram cada um com um pedaço de madeira nas mãos com aproximadamente um metro de comprimento cada um. Eles chegaram mais perto. Sarah percebeu que os olhos deles estavam

completamente brancos, um sorriso insano estava estampado em suas faces.

Ela pensou consigo mesmo, como podia que nenhum vizinho acordasse no meio da noite e percebesse o que se passava na frente da casa dela. O céu estava encoberto com as nuvens que o vento havia trazido, uma noite escura, a iluminação dos postes era fraca. Havia uma leve névoa se formando, a visibilidade não ia além de alguns metros. Mesmo que algum vizinho visse provavelmente eles nada fariam. Pois a iniciação se aproximava e mortes eram normais. Que sociedade louca e insana possuidora de tradições e crenças que só trazem sofrimento, ainda assim insistem em preservá-las. Mesmo que para isso jovens inocentes tenham que morrer. Como pode o véu da ignorância que cega as pessoas ser tão espesso?

Os pais de Sarah se afastaram um do outro, cada um ficou em um lado da menina. Pendurada tal qual um boi morto no açougue esperando para ter seu couro retirado. Então um som seco cortou o silêncio da noite. O som do primeiro pedaço de madeira atingindo o abdômen de Sarah. Ela tentou gritar, ao tentar abrir sua boca, só fez com que os furos da costura aumentassem

ainda mais. Tentou contrair o abdômen. Quando fez isso, foi acertada nas costas. Sarah tentou se libertar, o desespero de escapar de sua “iniciação particular”, foi em vão, a cada segundo que passava era acertada cada vez mais.

Seus pais riam freneticamente, com os olhos completamente negros e não mais brancos, como dois pequenos buracos na face. Do sorriso insano escorria saliva. A face dos agressores estava rubra, o sangue fluía por debaixo da pele, as veias dos braços dilatadas. Tamanha era força que tentavam fazer para poderem agredir ainda mais a menina. O som do espancamento seguiu durante mais de uma hora, formando uma orquestra junto com os gemidos de dor da menina e com as risadas dos pais. Uma orquestra da morte que só terminou quando o coração da vítima encerrou seu trabalho que deveria ter funcionado por quase uma centena de anos.

Após, o silêncio tomou conta da noite, todos dormindo, ninguém queria ver o que estava acontecendo. Não queriam se incomodar com o sofrimento alheio. Não se importavam em fazê-lo parar. Mesquinhos e nojentos que são, preferiam seguir seu

caminho, sem ver os acontecimentos paralelos, sem ver aqueles que precisavam de ajuda.

A ilha, o tempo, a pedra... a morte

Capítulo 02

Na manhã seguinte, quando nossa pequena estrela chamada sol começou a brilhar tentando fazer seu calor passar através das nuvens espessas. Em uma autocombustão nuclear que o leva à morte, mas que permite que vida siga seu rumo na Terra. Afinal, não é assim que o universo funciona? Do caos para a organização, da organização para o caos e assim por diante, caos, organização, caos, organização, desde que o tempo é tempo. Tal qual nossa própria sociedade, da guerra para a paz e da paz para a guerra, interminavelmente, ao longo de toda a história da humanidade. Sim, assim é, pelo menos enquanto o tempo ainda for tempo. A paz é utopia, a territorialidade abunda em nossas mentes.

Todas as coisas rumando à entropia, se olharmos de maneira distante, tudo parece organizado e complexo. No entanto, ao aproximarmos nossa visão, perceberemos a entropia, cuja presença muitas vezes

passa de forma imperceptível. Pois nossa visão consegue apenas ver a ilusão da organização. Assim é em Serenidade, ao se olhar a ilha, seja de maneira distante ou mesmo visitando ela. Percebe-se apenas a organização, a tranquilidade e a ordem. Que de fato, é o objeto principal dos habitantes desta ilha para com seus raros e escassos visitantes. Mas, ao se conhecer as entranhas dessa comunidade, seu funcionamento, sua estruturação, encontraremos toda a entropia, uma anomia como não há igual. Todo o caos e a desordem que se encontram abaixo de sua imagem de “aqui-mora-gente-feliz”. Não muito diferente de outras comunidades, por assim dizer, com todos os seus segredos.

Porém, há uma época, em geral quando os habitantes da ilha percebem que sua comunidade está se aproximando da ruína. Nesta época, eles acordam antigas tradições culturais que deveriam ser esquecidas, pois nem toda tradição e cultura vêm a ser positiva, ninguém quer acordar numa bela manhã e encontrar um grupo de pessoas querendo re-introduzir antropofagia em sua cidade. E durante esta época, na ilha, todos os crimes são perdoados, como você já pode ter percebido. Os fundamentos desta cultura vão muito além desta

questão do “perdão aos crimes”, digamos que esta parte seja apenas a ponta do iceberg. Infelizmente, seria complexo demais e até sem sentido, transcrever tudo o que há de oculto em Serenidade, sem de fato elucidá-los e expor tudo o que aconteceu, por mais grotesco e horrendo que venha a ser.

E volto novamente a transcrever, que nesta manhã, quando o sol mostrou seus primeiros raios, esperava-se que os vizinhos de Sarah, ao verem o acontecido ficassem no mínimo alarmados e soltassem algum grito de horror vindo da mais profunda escuridão de seus pulmões. Isso não ocorreu. Eles apenas saíram de casa, olharam a menina ensanguentada e toda esfaqueada, pendurada na árvore, arregalaram os olhos o mínimo possível e seguiram seu caminho rotineiro, afinal, muitos já haviam observado o ocorrido de suas janelas, quando ele realmente estava acontecendo. Alguns ficaram chocados, outros viraram as costas e voltaram a dormir, porém houve ainda aqueles que salivaram e ficaram excitados. Desejando estar lá, participando de toda a carnificina, libertando seus pensamentos cruéis mais profundos. Muitos anseiam a tentação do que está por vir.

. . .

Rosa acordou com os primeiros raios de sol. Não esperava que o dia fosse belo e alegre. Sentou-se na cama, o cheiro infecto de urina ainda estava lá. Levantou-se e foi até o banheiro, querendo tomar um banho na tentativa de se livrar de todos os cheiros do dia anterior. O cheiro pode até sair, mas não há como limpar a memória, as lembranças estarão sempre lá. Encravadas, entalhadas, como se seus neurônios fossem rochas esculpidas.

Quando ela estava se lavando, se distraindo observando o vapor da água quente, deixando o sabonete deslizar pelas formas de seu corpo, ela percebeu que não havia nenhum som em sua casa. Nenhuma conversa, nenhum barulho de talheres ou portas de armários batendo. Ainda não era o horário de seus pais saírem para trabalhar. Desligou o chuveiro e se enrolou na toalha. Quando saiu do banheiro, ela parou e voltou até a frente de um grande espelho ao lado da pia. Desenrolou a toalha de seu corpo e ficou ali parada. Apenas observando seu corpo. Que já

começava a tomar forma de mulher. O medo tomou conta dela. Medo de não poder ver seu corpo tomar forma por completo. Medo do futuro e das incertezas que este representa. Os pensamentos vagueavam livremente, muitos distorcidos. Então se lembrou do silêncio em sua casa.

Largou a toalha e foi andando nua até seu quarto, lá colocou uma roupa, uma camiseta e uma calça de pijama. Ambos sem muitos detalhes. Os cabelos louros ainda molhados. Desceu as escadas e foi até a cozinha. Havia um bilhete em cima da mesa. Ela pegou-o e viu que era de seus pais.

Querida Rosa,

Sabemos que o que você passou ontem não foi nada fácil. E achamos que você deve ter percebido que, em nossa cidade, há muitas coisas estranhas. Como, por exemplo, qual o motivo leva as pessoas a criarem tantos deuses? Y'zuhr é o único e verdadeiro deus, pois ele é o nosso deus. Entretanto, seria ele o verdadeiro deus? Será que realmente existe um deus? Como nascemos em Serenidade para nós esse é o verdadeiro deus.

Mas também temos muitas coisas boas! Como o perdão aos crimes, oras, se a pessoa se arrepende não há motivos para não perdoar, felizmente aqui todos se arrependem de seus atos. Assim, podemos todos comemorar a iniciação juntos! Como é bela nossa cultura e nossas tradições, nunca sabemos ao certo quando haverá uma iniciação, mas o intervalo entre uma e outra nunca ultrapassou quatro anos. Nós simplesmente sentimos quando é o momento certo. Não é magnífico! Como se todos fossemos apenas um. E sabe do que mais? Ela está se aproximando, sim, nós podemos sentir, é por isso que nós teremos que partir, apenas por alguns dias. Ficaremos escondidos em alguma parte da ilha, apenas organizando os preparativos. Quando o momento certo chegar, nós vamos buscar você para ser iniciada.

SIT Y'ZUHR ILAR UB Y'ZUHR RET NEHR Y'ZUHR, caso você não saiba, “Y'zühr virá, Y'zühr é amor, Y'zühr nos salvará”. Infelizmente você ainda é muito nova para ir até a igreja e estudar nosso senhor salvador, mas após ser iniciada você irá conhecê-lo. Até lá, não tente nenhuma gracinha e não questione a autoridade.

Com amor,

Seus pais.

- Bem, muito esclarecedor – disse Rosa para si mesmo – Pelo menos agora terei alguns dias livres e nenhum castigo. Espero que esteja tudo bem com Sarah.

Rosa largou o papel em cima da mesa, andou até o armário, cortou uma fatia de pão, passou geléia de uva e comeu, depois tomou um copo de leite. Subiu de volta para seu quarto, trocou de roupa e voltou até a cozinha.

“Nenhum barulho na casa, meus pais foram sabe-se lá para que lugar. Porém, nenhum barulho na rua também. Isso é estranho, esse é o horário em que as pessoas saem para ir trabalhar. No mínimo deve ter algo a ver com os tempos que se aproximam, a iniciação, será que tudo nesta ilha gira em torno disso?”

Rosa saiu pela porta da frente de casa passando pelo pequeno jardim. Como sua casa ficava no final da rua, ao longe ela viu um aglomerado de pessoas ajoelhadas. Ela não teve certeza se era na casa de Sarah ou em alguma casa vizinha, achava que quase todas as pessoas da rua poderiam estar reunidas naquele local.

“Bom, só há uma maneira de descobrir, ir até lá. Espero que não seja nada grave e que eles não tenham virado zumbis comedores de gente. Droga, isso não é hora de fazer piada. Eles parecem estar rezando.”

Ela andou em direção das pessoas, viu que as portas de todas as casas estavam abertas, no entanto, não havia nenhum sinal de seus moradores. Todos eles poderiam realmente estar naquele aglomerado de pessoas. Quando estava a apenas alguns metros do local ela percebeu que realmente era a casa de Sarah. Ela não viu sua amiga em lugar nenhum. As pessoas realmente estavam rezando, ajoelhadas, se chacoalhando para frente e para trás e virando a cabeça de um lado para o outro, um murmúrio se elevava pelo ar. Como podem as pessoas se submeter perante um ato tão nefasto. Curvando-se perante o inexistente. Submetendo-se a tais humilhações. As palavras usadas pelas pessoas eram as mesmas que Rosa ainda há pouco havia descoberto o significado.

- SIT Y'ZUHR ILAR UB Y'ZUHR RET NEHR
Y'ZUHR – rezavam todas as pessoas em perfeito unísono.

Rosa passou por entre as pessoas, que pareciam nem notar sua presença, viu que realmente quase todos que estavam ali eram seus vizinhos. Havia algumas pessoas de outras ruas também, entre elas o diretor da escola. Algumas pessoas estavam com os olhos virados para cima, suavam, a ponto de suas roupas ficarem encharcadas. Rosa achava que eles podiam estar em um estado de transe. Continuou seu caminho entre as pessoas. Quanto mais se aproximava da casa de Sarah, mais começava a sentir o mesmo cheiro que havia sentido na escola durante o dia anterior. O cheiro de sangue, o cheiro de morte, o cheiro de dor e de sofrimento, misturado com a loucura humana. A loucura dos que se deixam levar pelas superstições.

Foi então que ela viu, um pedaço de corda pendurado em um galho da árvore que havia na frente da casa de Sarah. E, quando olhou para o chão, viu que a continuação da corda estava amarrada aos pés de alguém.

“Por favor, que não seja a Sarah, ela não. Que seja um dos pais delas, sei que isso é algo terrível de se pensar, mas ela não, não, não...” – e Rosa viu, o corpo estático de sua amiga jogado no chão, todo

ensanguentado e deformado pelo espancamento. “... não, não...”

- NÃO! – gritou Rosa a plenos pulmões. – NÃO! – correu, se ajoelhou ao lado da amiga, tentou aninhá-la em seu colo. Foi então que realmente percebeu o estado abominável em que o corpo de sua amiga se encontrava. Uma mancha escura de sangue estava abaixo do local onde Sarah tinha sido pendurada. O cheiro adocicado de sangue, misturado com o cheiro de terra molhada, havia se espalhado pelo ar. Terra molhada com sangue. Rosa viu que Sarah possuía cortes profundos e contusões espalhadas por todo o corpo, o sangue que no dia anterior fluía, circulando pelo organismo de Sarah e ajudando a mantê-lo vivo, agora, havia extravasado pelos cortes e por todos os orifícios possíveis da menina. Acabou por tingir de vermelho os cabelos e a pele da pobre vítima da loucura humana.

Rosa tentou afastar os fios de cabelo que cobriam o rosto de Sarah, foi quando ela viu os lábios da vítima costurados, sua amiga não pôde nem implorar por ajuda e nem gritar de dor. Morreu em silêncio, guardando para si todo o sofrimento. Olhou em volta, todos continuavam com suas preces. Os pais de Sarah, com as mãos sujas

de sangue, com os dentes sujos de sangue, seguravam pedaços de madeira, também sujos com aquele fluído vermelho tão apreciado por criaturas vampírescas. Estavam ajoelhados junto com a multidão, como se eles ignorassem o fato de serem os responsáveis por tudo que estava ocorrendo naquele momento.

Morte horrenda. Sem chorar e nem implorar por ajuda. Lábios costurados com pontos perfeitamente simétricos. Mordidas que mostravam arcadas dentárias humanas também se espalhavam por algumas partes do corpo de Sarah. E ficavam todos ali, fazendo suas preces, para seu deus, como se o acontecido fosse um milagre. Como se uma estranha força fosse surgir dos céus realizando feitos inacreditáveis e quebrando as leis da física.

Rosa abandonou o corpo da amiga no chão, se levantou, olhou para a rua, todos as pessoas que ali estavam continuavam com seu ritual. Continuou a olhar para a rua, na direção da sua casa, não havia ninguém naquele lado. Olhou para o lado que levava à igreja e viu o prefeito e o sacerdote. A igreja e o estado, eternos aliados. Ambos caminhavam tranquilamente, com os braços estendidos ao lado do corpo, na direção da casa

de Sarah. Pareciam contar piadas um para o outro, tão altas eram as gargalhadas que saíam de suas bocas nefastas.

Neste momento ela percebeu algo que ainda não havia notado, vendo todas as pessoas ali reunidas. Como todas elas eram parecidas umas com as outras. Poderia-se dizer que eram todos da mesma família, frutos de uma mesma linhagem antiga de imigrantes.

O prefeito e o sacerdote aproximaram-se do grupo de pessoas. Olharam para as pessoas, olharam para Rosa, olharam para os pais de Sarah. Aproximaram-se deles.

- Então o que aconteceu aqui? – perguntaram o prefeito e o sacerdote em uníssono. Rosa pensou que fosse apenas coincidência, mas quando os pais de Sarah também responderam em uníssono, ela se assustou. Como poderiam as pessoas falar de forma tão perfeitamente sincronizada?

- Nós fizemos com que a morte dela fosse um reflexo distorcido da vida que ela possuía – responderam os pais de Sarah – como um reflexo sobre a superfície ondulante da água. Caso ela tivesse sobrevivido,

faríamos com que o resto de sua vida, fosse um reflexo de sua morte inacabada. Deformada e semi-liquidada.

- Agora ouçam todos – falaram o prefeito e o sacerdote. Todas as pessoas ali reunidas pararam com suas preces. – Muitos dos nossos já estão verificando o rebanho, tivemos uma boa safra, tanto aqui como no Zche'nti-istoo, no prostíbulo infernal de nossos escravos por assim dizer. Muitos dos nossos já estão fazendo os preparativos. Logo, vamos poder iniciar aquilo que deve ser iniciado. Para evitar o grande Ni'vlek. Portanto, espalhem a notícia. O fogo já está sendo aceso durante todas as noites. Irá descendo a montanha, até chegar à cidade, então sangue será derramado e a carne será profanada. Para que deus inspire o cheiro de sangue. SIT Y'ZUHR ILAR UB Y'ZUHR RET NEHR Y'ZUHR. Agora vão, o corpo aqui presente marca o prelúdio da iniciação. – todos assim o fizeram, todas as pessoas presentes se levantaram e voltaram para sua rotina diária, apenas esperando, por aquilo que está por vir.

- Quanto a você senhorita Rosa Erromobut – novamente o prefeito e o sacerdote em uníssono – volte para sua casa, seus pais estão nos ajudando e não ouse fazer perguntas e nem duvidar de nossa palavra. Porque

nós somos a verdade, a justiça e a razão. Aprenda a não questionar as autoridades. – Rosa não os questionou, baixou a cabeça e correu para sua casa. – Quanto a vocês, pais da menina semi-iniciada, tirem o corpo dela daqui. Depois venham até a igreja, pensamos que após todos esse anos vocês tivessem aprendido a obedecer a autoridade. Mas vemos que não. Vocês serão castigados por isso, por acabarem com uma menina tão logo ela iria nos servir. E por Y’ZUHR, não tentem nos desobedecer novamente!

- Sim, é claro, ó senhores da verdade – responderam os pais de Sarah em uníssono.

. . .

- Bem, Sr. Rivier, acredito que o momento seja este – falou o sacerdote Proce Steinkopf – Ao que tudo indica, dentro de mais alguns dias deveremos dar total anomia para nossos cidadãos.

O sacerdote e o prefeito estavam em uma sala subterrânea, localizada abaixo da igreja. Local em que se encontravam para discutir questões governamentais da ilha.

- É, afinal, assim é a nossa tradição e a nossa cultura, desde que o tempo se tornou tempo para essa cidade – respondeu o prefeito Joaquim Rivier – Agrade ao povo, dando a ele comida, festas e diversão e ele não incomodará você. Pena que aqui não chegam as transmissões de televisão. Se elas chegassem até aqui teríamos novela, futebol e carnaval. O povo ficaria vislumbrado, apenas assistindo sua caixinha mágica, enquanto nós os comandaríamos como fantoches.

- É Sr. Rivier, mas não se esqueça. Se esse avanço tecnológico tivesse chegado até a nossa ilha, nossas tradições estariam perdidas ou pelo menos nosso rebanho.

Ambos pararam, pensativos, olhavam para a mesa que havia entre os dois. A sala era escura, iluminada por velas. Havia canos que chegavam até a sala, mas não para trazer algum líquido e sim para renovar o ar. As paredes eram de grandes pedras talhadas. Havia uma pequena cama num canto, com correntes na cabeceira. Local aonde provavelmente o sacerdote vinha se divertir com algumas mulheres, inspirado por Y'ZUHR. Apenas seguindo sua inspiração divina. Tal como fazem os sacerdotes de todas as

religiões. Escondendo-se atrás de seus deuses para assim justificarem seus atos.

O sacerdote se levantou, foi até uma pequena estante de madeira com muitas garrafas de bebidas, pegou uma que estava no topo da estante e dois copos. Voltou até a mesa. Encheu os copos e entregou um ao prefeito, brindaram e beberam.

- Vejo que você ainda guarda alguns da penúltima safra – dentro da garrafa havia três pequenos fetos humanos deformados.

- Tudo pelas nossas tradições, gostou?

- Claro, misturado com suco de frutas fermentado, fica uma delícia. É como beber da própria vida, como se eu pudesse sentir cada ano de vida que estes fetos não viveram fazendo parte de meu corpo. Em todas as minhas viagens por este mundo afora nunca provei nada melhor. Mas voltando ao assunto anterior. Os guardas de nosso curral me disseram que o nosso querido prisioneiro...

- Qual deles? O louco que não se lembra nem mesmo do próprio nome?

- Isso, ele mesmo. Um dos guardas disse que ele voltou a falar sozinho, parece que ele acha que a cela é o mundo e câmara que o vigia é o olho de deus.

- Ahhh – fez o sacerdote como se tentasse limpar a garganta – eu disse que não gosto dessas tecnologias. Bom, pelo menos fica mais fácil de vigiar o rebanho e os prisioneiros. Nós deveríamos soltar esse prisioneiro novamente, apenas para ver se ele iria tentar acabar com nossas tradições como tentou fazer no passado. Odeio esses jovens e suas idéias revolucionárias.

O prefeito soltou uma gargalhada jogando a cabeça para trás, quase caiu da cadeira e disse:

- Bom, acho que pode ser uma boa idéia, um tanto quanto divertida. Afinal, pelo que os guardas informaram, ele está com muitos parafusos a menos na cabeça. Ele sempre foi um problema desde que trouxeram ele da central do continente, quando ele era apenas um adolescente. Aparentemente conseguimos fazer um bom trabalho aniquilando a mente dele, após tantas torturas não sei como ele ainda está vivo.

- Então está de acordo Sr. Rivier?

- Claro, Sr. Proced. Foi uma ótima ideia, poderemos até organizar uma caça ao prisioneiro. Ele já

passou do ponto de colheita, mas talvez o povo possa se divertir um pouco, afinal outra coisa que eles adoram é ver violência e morte, da última vez que eu estive no continente resolvi assistir um pouco de televisão e ver algumas notícias sobre o mundo. Para verificar se as outras centrais ainda continuam mantendo tudo em ordem.

- E como estava o mundo atrás daquela tela insana de transmissões? – perguntou o sacerdote.

-As imagens que eu vi só mostravam mortes, assassinatos, corrupção, roubo, estupro... Então pensei, o mundo saiu de controle, pensando melhor, logo refutei essa ideia. Pois as imagens estavam na televisão, então isto quer dizer que a grande maioria do povo deveria estar babando na frente da tela, esperando que o sangue das imagens fosse expelido pela caixinha insana de transmissões. Imaginei até a típica família brasileira, sentada em seu sofá, hipnotizados por toda a violência e desgraça. Muitos querendo até participar das chacinas e mortes. Pois é isso o que eles gostam hoje em dia. A caixinha leva as “informações”, notícias até eles. E como é de se esperar, nada de transmissões que divulguem conhecimento científico de qualidade no horário nobre.

Apenas o velho e doce sangue derramado pela ignorância humana.

- Então se pode afirmar que tudo está sob controle.

- Exato Sr. Proced. Agora, se me permite, irei resolver a questão de nosso prisioneiro.

O prefeito tomou o resto da bebida em seu copo e o colocou de volta na mesa, saiu da sala. O sacerdote ficou olhando vagamente para os fetos dentro da garrafa, observando-os com um leve sorriso no rosto. Lembrando-se do passado, ansiando pelo futuro.

. . .

A situação só estava piorando para Rosa. Sua amiga estava agora apodrecendo em algum canto, primeiro foi espancada e depois seria devorada. Devorada por insetos que sobem das entranhas infernais da terra para assim cumprirem seu serviço de ciclagem. A imagem dos lábios costurados e do sangue derramado ainda aparecia perante seus olhos. Ela estava sentada em frente à porta de sua casa, olhando a estreita calçada rodeada de flores que cruzavam o pequeno gramado. Já

era tarde da noite, não havia nenhum brilho nas flores, nenhum inseto procurando por elas, somente o som dos grilos escondidos entre as folhas do gramado.

Sua melhor amiga estava morta e seus pais loucos. Há apenas alguns dias ela e Sarah corriam pelas praias da ilha, sentindo a doce brisa do mar massageando seus rostos. Roubavam frutas nos pomares, comiam pitangas e araçás no meio do mato. Confidenciavam segredos de seu cotidiano e de suas paixões. Todos os sonhos que as duas haviam planejado em conjunto se foram. Sonhos que foram levados para o túmulo, destruídos pela arrogância humana.

Como infernos isso pôde ter acontecido com Sarah? Questionou-se dentro de sua mente, mantendo os olhos em seus pés descalços. Sabia que se erguesse os olhos para a rua vazia encontraria com os relógios hipnotizadores da torre, alta, forte e imponente da igreja. Ela e Sarah eram realmente amigas, sempre juntas, nos momentos de tristeza e de felicidade, quando uma caía em seu caminho na vida a outra tratava logo de ajudar. Agora tudo estava perdido, tudo estava ferrado. Rosa encostou-se na porta e olhou direto para o céu, não precisando observar a torre. Lágrimas escorriam pelo

seu rosto, lágrimas de tristeza, entremeadas pelo sorriso das lembranças felizes.

O céu estava limpo, estrelas brilhavam no firmamento, nenhuma nuvem e a lua cheia dominava o cenário. Era estranho como nos últimos dias até mesmo o tempo vinha agindo de forma diferente, logo no início da manhã havia uma densa camada de nuvens bloqueando o Sol, e durante a noite não havia nenhum sinal de nuvem. Tinha voltado para casa após a ordem do prefeito e do sacerdote, não se lembrava ao certo o que havia feito. Perdendo a memória? Não, provavelmente não, sua avó teve problemas com a memória algum tempo antes de morrer, mas isso não significava que ela fosse morrer, ou morreria? Este não era o momento para pensar nisso, ela já teve sua cota suficiente de mortes por um dia e não precisava ficar pensando nela apenas para saciar o desejo dos leitores mais sanguinários e mórbidos. A sombra da morte nos persegue, já que esta não é um oposto da vida, é na verdade, uma parte essencial da vida. Se a vida fosse eterna não daríamos a menor atenção para os pequenos momentos que nos tornam felizes. Tudo seria monótono.

Apreciemos, pois, a morte. Este acontecimento que agrega valor à vida.

Seus pais sempre lhe disseram para que fosse obediente, respeitar os mais velhos e nunca questionar as pessoas responsáveis por ela. Entretanto, isso não parecia de todo correto. Ela ainda se lembrava de uma menina que estudava com ela, que certo dia chegou na aula cheia de hematomas espalhados pelo corpo todo. Foi questionada pelos colegas e pelos professores sobre o que havia acontecido. Disse que era por causa da tradição de sua família.

- Eu desobedeci meu avô, quando ele me mandou parar de brincar e ir dormir. Eu disse que queria brincar mais um pouco, apenas mais alguns minutos. Então ele disse que na nossa família, se uma pessoa mais velha dizia para a mais nova “faça”, a pessoa mais nova faria, independente do que fosse a tarefa. Nunca jamais questionaria a ordem. Ele foi até seu quarto, voltou com um pedaço de madeira que arrancou da cama, começou a bater em mim, gritando que somente assim eu seria purificada. Que o questionamento era fruto dos inimigos de Y’zühr. Ele como um seguidor de deus tinha que me

libertar do suposto mal. Afirmando que todas as culturas e tradições devem ser preservadas. Custe o que custar.

Rosa havia esquecido deste fato, pois ainda era muito jovem, no momento conseguiu se lembrar de cada palavra. A questão era, por quê? Todas as imagens de acontecimentos semelhantes de sua vida começaram a chegar até sua mente. Teodoro, Carlos, Débora, entre outros, todos haviam sido brutalmente espancados. Muitos começando a conhecer o mundo e começando a querer entendê-lo e questioná-lo. Quando o fizeram, sofreram as consequências, que aparentemente muitos jovens da ilha de Serenidade haviam sofrido. Serenidade, Serenidade, somente o nome indicava um local tranquilo, os hematomas da violência se encontravam fixados nas partes íntimas da ilha, nos cantos mais obscuros.

Foi então que ela interrompeu seus pensamentos, Rosa percebeu, que as tochas de fogo que ela viu na montanha na noite anterior estavam acesas novamente. Uma serpente de fogo costeando as ondulações da montanha. Um detalhe diferente chamou a atenção, elas não estavam no mesmo local, a montanha era alta, sim. Estava distante, mas a diferença era perceptível. As

tochas estavam alguns metros abaixo do local em que estiveram na noite anterior. Os tempos que se aproximam. Tudo gira em torno disso, o tempo. O tempo sempre o tempo.

O cansaço tomou conta de seu corpo, no gramado os grilos continuavam com sua sinfonia. No céu alguns morcegos faziam sua dança aérea atrás de algumas mariposas. A escuridão esconde as belezas do dia e acaba por esconder também nossos temores. Por fim Rosa adormeceu, ali mesmo, do lado de fora de sua casa. Sem se importar se acordaria viva ou morta. Isso já não importava mais.

. . .

O prefeito Joaquim Rivier, cresceu numa família muito bem estruturada em Serenidade. Nesta cidade, não havia eleições, os cargos políticos eram passados de pai para filho, e assim foi, desde que o tempo se tornou tempo para a ilha. Devido a este fato, Joaquim foi treinado desde seus sete anos quando presenciou pela primeira a vez a iniciação. Ensinado a ser aquele-que-governa. Treinado para compreender, mandar e ser uma

autoridade totalitária assim como seus antepassados. Não aceitar questionamentos era vital. Perguntas complexas deveriam ser punidas com a morte. Somente Y'zuhr era a verdade e ele era um filho de Y'zuhr. Logo, ele era a verdade.

Joaquim também aprendeu a respeitar os sacerdotes, aqueles-que-iludem. Afinal, com a ajuda deles fica mais fácil governar. São ótimos aliados, sempre querendo o que é melhor para todos. Encarando da seguinte forma, os governantes são homens, podem ser mortos em revoltas contra seu governo, ou seja, se estes homens se descuidarem, podem ser descartados por aqueles-que-são-governados. E é aí que entram os sacerdotes, se dizem inspirados por uma “força superior”, que criou tudo e que controla tudo e eles são os olhos e ouvidos desta “força”, em Serenidade sendo denominada de Y'zuhr. Então, quando aqueles-que-são-governados, resolvem questionar aquele-que-governa. Aparecem aqueles-que-iludem, afirmando que, se aqueles-que-são-governados não se comportarem em seus devidos lugares e não obedecerem a seus mandamentos serão punidos em nome de Y'zuhr. Além de irem para um lugar pior após a morte, ao invés de

irem para um lugar melhor, caso tivessem obedecido as ordens. Desta forma, aqueles-que-são-governados temem as superstições e crenças, por não terem o devido acesso ao conhecimento. Livros são coisas terríveis. Fazem com que o homem tente ver a realidade do mundo e comece a questionar as autoridades.

Todas estas lições foram muito bem aprendidas e interpretadas por Joaquim ainda em sua infância. Pois a ordem e a honra de sua família, assim como toda a tradição de Serenidade, estavam em suas mãos. Ainda que em sua infância ele possa ter tido remorso de tudo o que teve que ver na iniciação, após todos esses anos, já não há mais motivos para remorsos e também não havia mais como voltar atrás de tudo aquilo que já foi feito. Passado é passado. Viva o presente e sonhe com o futuro.

Em seus pensamentos o prefeito Joaquim questionava-se.

- Não posso mais ignorar que fui um dos grandes mantenedores de tudo aquilo que eu tanto tive medo. O que manteve minha família na estabilidade também é nossa maldição. Se as iniciações acabassem com toda certeza o povo sairia de seu lugar, e eu, não teria mais

essa bela vida. Por um certo lado não são todos os anos em que estes rituais ocorrem. Que droga! Questionando a mim mesmo novamente. O tempo ainda é tempo, não devo perder tempo me questionando, o que está feito é passado. Geração após geração, durante séculos, assim sempre foi desde que o tempo se tornou tempo e assim será através dos longos anos vindouros.

. . .

O prefeito estava distante da cidade. Na frente dele onde começava a montanha também começava um exuberante fragmento de floresta atlântica. Com árvores centenárias, cobertas por orquídeas e bromélias. Aves saltitavam de galho em galho, espalhando a melodia de seus cantos pelas brenhas obscuras da floresta, tornando o ambiente um pouco menos assustador e claustrofóbico.

Ele estava a pé, usava uma veste preta, algo como a roupa de um monge. Um capuz recobria sua cabeça. Olhou para trás certificando-se de que não havia ninguém por perto. Viu que o clima estava comportando-se de forma estranha, em algum momentos o céu estava

encoberto e em outros o Sol reaparecia. Voltou-se para a floresta novamente, ainda pensava se deveria usar este caminho, pensar era algo ruim, pensar invocava questionamentos. Limpou sua mente e entrou em meio à vegetação antes que sua consciência começasse a balbuciar ideias descabidas sobre seus atos. Remorso é um sentimento horrível, leva-nos ao arrependimento do passado. Arrepende-se daquilo que não pode ser mudado é um erro, precisa-se evitar que os mesmos erros sejam cometidos.

. . .

Andou dentro da floresta por um longo tempo, sempre subindo e subindo. Havia uma trilha, o que facilitou muito a longa jornada. Não imaginava que horas eram e não se lembrava ao certo quanto tempo fazia desde que saíra da cidade. Não tinha levado nem água, nem comida. Y'zühr lhe daria tudo que precisasse ou pelo menos era isso que o sacerdote sempre lhe dizia. Estaria o sacerdote planejando algo contra seu governo? Questionamentos novamente! Conspirações? Isso é ridículo.

- O tempo parece distorcido, isso sempre acontece nessa época – fez uma parada em sua caminhada para recuperar o fôlego – realmente, faz muito tempo que eu não vinha para este lugar. Acho que já vou aproveitar a viagem para conferir o rebanho e ver quantas fêmeas estão prenhas. Esqueci de conversar a respeito com o sacerdote. Por Y'zühr! Eu já estou até falando sozinho! – abaixou a cabeça fazendo um sinal de negação e continuou seu caminho. O suor escorrendo por todas as partes imagináveis de seu corpo. A respiração ofegante e a dor insuportável que começava a se espalhar pelos músculos como se estes fossem arrebentar, feito cabos de aço perante uma grande carga.

O dia parecia um lusco-fusco já fazia muito tempo, talvez devido à vegetação densa. As aves estavam mais agitadas, o pôr-do-sol devia estar se aproximando e elas procurando um local para passar a noite. O prefeito acelerou o passo, não querendo ficar dentro da floresta quando a noite por fim chegasse. Não se tratava de medo de algum animal em si, mas medo do que a imaginação pode fazer quando estamos privados de algum de nossos sentidos em um local desconhecido.

Sem poder ver, sem saber o quê está ao seu redor. Sem saber para onde ir, sem saber se os sons que você escuta são de pequenos animais ou de todas as pessoas que você matou que agora estão saindo de seus túmulos, planejando uma vingança cruel e sangrenta. Os sons dos demônios do passado, acordados por nossa imaginação. Vozes estridentes e guturais começavam a gritar de todos os cantos. Joaquim começava uma respiração de ar frio e cadavérico em seu pescoço. A situação propiciava alucinações e delírios.

O prefeito começou a correr desesperadamente. Ignorando a dor que se instalou na lateral de seu tórax e abdômen. Por vezes enroscando-se em sua própria roupa e quase caindo. Lágrimas escorriam pela sua face. A escuridão dominou o dia.

A escuridão, a iniciação... a putrefação da
tradição.

Capítulo 03

Agora eu me lembro, me lembro de todos os fatos que aconteceram. Por um momento não tive certeza. Porém eu e o Sr. Doença entramos em um acordo. Ele me mostrou imagens saídas do fundo da minha memória. Elas sempre estiveram lá, como água no fundo de um poço. Imagens paradas e tranquilas, apenas esperando alguém sedento buscá-las.

Eu é que estava cego pela tortura, incapacitado de poder vê-las, ou talvez, eu não quisesse ver, talvez eu apenas quisesse esquecer tudo. Começar de novo. Como se até mesmo um novo mundo tivesse surgido apenas para mim. Estamos acorrentados ao nosso passado, ele está estampado em nossos rostos.

Infelizmente eu não consigo driblar as barreiras do tempo e do espaço. Ele consegue, aquele que está chegando. Para tentar corrigir o que está errado, ao menos espero que sejam estas as intenções dele. Ele

conseguiu driblar as barreiras do tempo e do espaço, conseguiu ver o presente, o passado e o futuro, eu não.

Ele já veio me procurar uma vez, há muito tempo, antes que eu fosse preso e encarcerado, torturado e humilhado. Infelizmente eu falhei. Talvez eu devesse, neste instante, tentar recordar todos os acontecimentos pelos quais eu passei. “Talvez”, como eu gosto de usar essa palavra, “talvez”, não representa nem sim, nem não. Mas representa a dúvida, o “pode ser” e o “pode não ser”. Uma palavra que indica o questionamento, as incertezas. Tudo aquilo que é odiado nesta ilha. E talvez, por eu ter usado tanto esta palavra e por disseminado este “talvez” é que vim parar aqui. Sempre podemos afirmar que temos 99,8% de certeza, mas nunca a completa certeza, isso quando ao assunto em questão se aplica à razão e ao método e não a simples à crença. Quando falamos na razão e no método abordamos também as leis da natureza, nem mesmo estas nos fornecem 100% de certeza, pois a natureza não é estática. A natureza é dinâmica. Entretanto, quando falamos das crenças e superstições, falamos do analfabetismo mental, falamos no irracional. Do desconhecimento, da preferência por acreditar nos fatos

imaginativos. Da preferência por viver em um mundo de conto de fadas.

Talvez eu tenha cansado de ser iludido, talvez eu tenha cansado de ter que obedecer de cabeça baixa e de ter que acreditar nos supostos “fatos” tendo apenas “fé”. Eu não queria acreditar tendo que usar “fé”. Isso implicava na falsidade e no abuso de poder por parte daqueles-que-governam e daqueles-que-iludem. Eu, bom, eu estava cansado de ter que ser um daqueles-que-são-governados. Eu não queria mais ter que temer o sobrenatural, não queria mais ter que temer a suposta “autoridade”. Eu queria viver, ter liberdade, entender como as coisas realmente funcionam em nosso mundo. Queria acreditar que algum dia nós poderíamos todos trabalhar em prol de todos, com nossa própria convicção, entendendo o que é certo e o que é errado para o bem-estar mútuo. Não mais ter que trabalhar em prol das supostas “autoridades”. Não que a inexistência de alguma forma de autoridade, governo, religião e ordem sejam ruim, no entanto, quando estas palavras são levadas ao extremo, ao fanatismo, então temos algo muito perigoso, pois se formam pessoas perigosas.

Foi esta linha de raciocínio que me trouxe até aqui. Ou melhor, foi a falta de conhecimento das outras pessoas nesta ilha, a falta de compreensão e a falta de vontade de mudar, o medo da mudança, o medo da quebra de paradigmas, o conformismo pela estagnação. Para a grande maioria das pessoas é mais fácil engolir aquilo que está em sua frente, acreditar no que as outras pessoas dizem do que concluir através de um método e assim ter uma análise científica do que se passa ao seu redor.

As supostas “autoridades” roubaram de mim tudo o que eu tinha. Mataram meus familiares e meus amigos. Haviam me capturado em uma época anterior, porém eu escapei. Apelei para a violência, para o derramamento de sangue, usei fogo contra fogo. Fiz com que eles provassem do próprio veneno, os fiz verem como é a situação quando não se está sentado em seu trono.

Eles me subjugaram, eu os subjuguéi também. Capturei os familiares e amigos íntimos das autoridades. Quem diria que nosso sacerdote gostava de sair tanto com mulheres quanto com homens, foi realmente hilário o encontro deles dentro da caverna. Isto mesmo, a caverna, nesta montanha em cuja base Serenidade se

instalou tal qual um parasita. Nesta montanha, existem muitas áreas ainda desconhecidas. Pois a vinda de pessoas não autorizadas para o meio da floresta é expressamente proibida.

Eu sempre dei um jeitinho de andar por entre esta exuberante vegetação. Em um destes passeios foi que encontrei a caverna, logo que a vi, pensei comigo mesmo que seria um lugar ótimo para encarcerar algumas pessoas normais, pois a normalidade após algum tempo pode muito bem ser chamada de insanidade. A normalidade implica na conformação, situações rotineiras, no retrocesso evolutivo. E, na caverna, foi que decidi como seria minha vingança. Em pouco tempo eu traria cada uma de minhas vítimas para a caverna.

. . .

De fato, após eu ter capturado todas as pessoas que iriam participar, ou melhor, que iriam ser os alvos de minha vingança, é que a verdadeira diversão começou. Não me lembro ao certo o número de prisioneiros, dez, vinte, trinta. Eu realmente não lembro, posso ter me

lembrado em algum outro momento, porém agora isto não vem ao caso.

Eram muitos, pois o choro era um murmúrio constante. Gritavam no início, mas após algumas línguas cortadas eles aprenderam a não gritar. Interessante como as pessoas aprendem a ficar caladas quando a autoridade usa a violência.

Na caverna eu separei as pessoas em grupos. Os queridinhos do estado em um lado e os queridinhos da igreja em outro. Eles podiam ver uns aos outros. O barulho de choro e lamentações era magnífico, ecoava pelas paredes, era como se a própria montanha tivesse ganhado vida. Proclamando suas palavras contra a sociedade. Deixemos de lado as sensações que trazem os momentos felizes do passado, recordemos o sangue e a pedra. É incrível como uma pessoa que no dia-a-dia parece calma e tranquila pode se transformar no mais violento assassino quando a situação pende para o seu lado pessoal.

Foi isto que aconteceu, eu não tinha mais ninguém no mundo. Todos as pessoas pelas quais eu tinha algum apego haviam sido mortas pelas supostas “autoridades”. Agora, entretanto, era o momento de eles

pagarem pelo que fizeram. Como já mencionei, eles podiam ver uns aos outros. Alguns eu amarrei com as mãos no teto da caverna, ficaram pendurados com as duas mãos amarradas juntas em uma eterna oração que nunca foi atendida. Outros eu amarrei no chão, deitados com as mãos acima da cabeça e as pernas esticadas, deve ter sido muito desconfortável. Eles se debatiam, gemiam, imploravam, defecavam em suas próprias roupas e gritavam, não, este último não, eles queriam manter suas línguas inteiras. A perda de algumas línguas foi um bom exemplo, pois se eles continuassem gritando, logo alguém apareceria, com base nisto, este ato é justificável.

Após todos os preparativos finalmente começou a diversão...

. . .

Quando o prefeito finalmente chegou ao local oculto onde seus prisioneiros e seu rebanho ficavam, a escuridão já havia dominado o ambiente. Em seus últimos metros ao longo da trilha, uma luz que permanecia sobre a entrada do local facilitou sua

orientação dentro da floresta. Livrando seu corpo de todo o desespero e das alucinações. Oculto em meio à floresta havia um paredão de rocha, em sua base estava a porta do local oculto. No canto superior esquerdo da porta havia uma pequena câmera para cuidar a aproximação de possíveis visitantes indesejáveis.

O prefeito não precisou se preocupar que alguém viesse abrir a porta para ele, o manto negro tal qual o manto de um frei era um dos sinais para os vigias, além do mais, o prefeito tinha a chave mestra de todas as salas do local oculto.

Abriu a porta e entrou, atrás da porta existia um longo corredor branco com lâmpadas fluorescentes no teto se estendia para o interior da montanha. Ao final do corredor, mais uma porta e atrás dela o corredor continuava, sempre descendo. Havia portas de ambos os lados a cada dois metros, aproximadamente uma centena delas. Pessoas vestidas como freis circulavam pelos corredores, carregando comida, medicamentos, empurrando macas, às vezes vazias, às vezes com corpos cobertos por um lençol branco. Acima de cada porta também havia uma imagem sacra de Y'zühr, com a frase: "Somente Y'zühr salva, Y'zühr é amor".

Todos cumprimentavam o prefeito, batendo o punho fechado sobre o lado esquerdo do peito e após abaixando a cabeça e dizendo: NEH Y'ZUHR, NEH SDIRPT, algo que poderia significar “Salve Y'zühr, Salve Governante”.

Era atrás da porta localizada no final deste longo corredor, na mais extrema profundidade da montanha, que estava aquele que o prefeito procurava. Aquele que nós conhecemos como o prisioneiro sem-nome, que já dividiu sua mente com o Sr. Doença. A cada dez portas localizadas nas laterais, havia uma porta de vidro bloqueando o longo corredor. À frente de cada uma destas portas de vidro permanecia um guarda, que podia ser homem ou mulher, permaneciam sentados em uma cadeira, atrás de uma mesa. Ao verem o prefeito se levantavam e faziam o cumprimento habitual.

. . .

... Tenho de interromper minha história, pois as luzes de meu quarto foram acesas. Isto significa que alguém se aproxima, um guarda talvez, mas não é comum eles chegarem nesse horário. A única coisa que

talvez dê tempo de avisar é que eu deixei marcas profundas na carne de todos aqueles que eu aprisionei.

Eu sei, não tenho relógio, ainda assim é possível dividir o tempo, conforme os momentos que trazem as refeições. Agora talvez seja o momento de fingir novamente que estou louco, de fato, muitas vezes ao dia tenho que fazer isso. Após finalmente ter me livrado da loucura tenho que continuar fingindo ser louco, isso é irônico. Eu não sei ao certo a definição de loucura. Talvez o Sr. Doença fosse apenas a parte oculta de minha consciência, nas profundezas do neocórtex cerebral ou do tronco encefálico, nos mostrando a realidade e os fatos para os quais podemos estar cegos.

Se eu não continuasse fingindo estar louco, provavelmente eles me matariam. E agora, mais uma vez tenho que fazer isso, me dividir entre a insanidade que habita toda e qualquer mente humana e a racionalidade. A dupla linha de raciocínio que mesmo nos tempos atuais, onde a brutalidade e a violência reinam, ainda é encontrada. A eterna batalha entre nossa natureza reptiliana e mamífera.

. . .

O prefeito já estava em frente à porta da cela de seu prisioneiro especial, não fazia a menor idéia de que seu prisioneiro tramaria um plano astuto em relação a sua presença. Mais uma vez ele pegou a chave mestra que trazia pendurada em seu pescoço por uma fina corrente. Parou por uns poucos minutos com a chave frente à fechadura, recordando tempos passados, tempos em que ele quase foi morto pelo homem atrás desta porta. O homem que havia matado seu pai e quase todos os seus parentes, e mesmo os que não foram mortos ficaram com alguma sequela deixada pelas torturas. A dor de cortes profundos parece nunca melhorar.

As marcas deixadas no prefeito, grandes marcas de carne retorcida em suas costas, causadas pelo chicote e pelo ferro quente. E agora, após todos esse anos, chegou o momento da vingança sobre a vingança. É só deixar o tempo passar para aquilo que você espera chegar. Como isso é maravilhoso, tudo girando em torno do tempo.

Ele colocou a chave na fechadura, e a girou, causando um leve estalo. Do outro lado, o prisioneiro

sem-nome já começava a pedir se era deus que estava abrindo a porta para se encontrar com ele.

- Sim – respondeu o prefeito não conseguindo conter os risos – vim ao seu encontro meu cordeiro.

- Finalmente – exclamou o prisioneiro – você não sabe como esperei para poder encontrá-lo. Por vezes as divindades prometem encontros apenas após a morte. Então por quais motivos os crentes não se suicidam de uma vez para assim encontrarem o tão amado deus? Eu fui beneficiado, por poder ver a divindade com plenos olhos.

O prefeito entrou e explicou ao prisioneiro que o levaria para um lugar melhor. O prisioneiro se levantou da pequena cama onde estava sentado, expressando em sua face um sorriso que demonstrava insanidade e felicidade. O prefeito saiu do quarto e o prisioneiro seguiu atrás. Um erro, um erro do qual o prefeito se arrependeria pelos poucos segundos de vida que ainda lhe restavam, havia virado as costas para um prisioneiro que já não achava mais que ele era deus há muito tempo.

O prisioneiro agarrou o prefeito e jogou-o contra a parede branca do corredor, fazendo-o quebrar o nariz.

Logo uma mancha vermelha de sangue ficou impressa na parede. Quando o prefeito tomou consciência do que estava acontecendo, o prisioneiro agarrou-o novamente, segurando-o pelas orelhas, olhou-o com seus olhos insanos. O prefeito teve a impressão de que estava sendo observado até a sua alma, mesmo sabendo que isso não existe. Sentia que os olhos do prisioneiro iriam lhe sugar a vida, como um vampiro que suga a vida de sua vítima. E as palavras, sim, as palavras pronunciadas ficariam gravadas, reverberando em sua memória. Até sua consciência se desfazer com a morte.

- Renasci das cinzas, forjado pelo ódio – falou raivosamente o prisioneiro, expelindo saliva por toda a face do prefeito - A sombra de minha vingança alcançará meus inimigos, e estes, eu esmagarei. A última imagem que eles irão ver será minha face, rubra pelo sangue derramado, com olhos marcados pela insanidade. Exterminarei seus descendentes, assim como, seus antepassados que ainda estiverem vivos. E sobre seus cadáveres irei urinar e defecar. Um doce ritual vingativo, honrando todos aqueles que sofreram nas mãos de pessoas como você.

Lágrimas vertiam loucamente dos olhos do prefeito e tremiam escorrendo sobre sua face, como se soubessem como seria o tão esperado final. O prisioneiro sem-nome cravou os dentes no pescoço de Joaquim, tal como um vampiro, mas não tomou o sangue que fluía. Pressionou os dentes ainda mais, fazendo-os afundarem na carne e puxou-os, trazendo junto com a mordida pedaços de músculos e veias do pescoço do prefeito. No buraco aberto o sangue escapava em jatos pulsantes.

O homem que poucos minutos atrás era o prefeito Joaquim Rivier, agora não passava de uma massa inerte, restos inúteis de um animal, *Homo sapiens*, que em algumas horas começaria a seguir o destino que todos nós um dia seguiremos, a putrefação, a desorganização das moléculas, o fim do raciocínio de um corpo, em si, o fim consciente. Logo o prefeito descobriria que não existe nada após a morte, que isto é apenas mais uma lenda que inventam, uma história de “Era uma vez a vida após a morte”, numa tentativa fútil de agradar pessoas que desconhecem a realidade, que vivem em um mundo imaginário, onde extraterrestres nos visitam constantemente e onde pessoas esperam

por um zumbi há mais de dois mil anos. Um mundo em que todos anseiam por acreditar em alegóricos contos de fadas, regados de amigos imaginários.

Os guardas e os funcionários que se encontravam espalhados pelo corredor não ousaram interferir, estavam parados em êxtase, apreciando a carnificina. Os tempos que se aproximam. Nestes tempos nenhuma pessoa gostava de interferir no mais primitivo e puro instinto humano... Matar! E não me diga que estou completamente errado. Mas o número de pessoas que gostam de filmes e jornais que trazem a violência para dentro de casa é realmente elevado. As pessoas ficam ali, sentadas em seu sofá, paralisadas, hipnotizadas pela sua caixinha mágica de imagens que traz até suas casas seus mais profundos, íntimos e obscuros desejos. No fundo obscuro de nossas mentes somos todos vampiros animalescos, ansiando por sangue.

O prisioneiro saiu correndo pelo grande corredor que levava até sua sociedade. Aproveitando o estado de consciência no qual as pessoas ali presentes estavam. Algumas das pessoas até caminhavam em sentido contrário ao prisioneiro, estavam indo lentamente em direção ao corpo do prefeito para poder sentir mais

intensamente o cheiro adocicado de sangue, o cheiro de morte.

Quanto tempo ele havia corrido? Já não se lembrava mais, o caminho até a porta principal era longo. A maior parte das portas de vidro ao longo do corredor estavam abertas, pois os funcionários continuavam caminhando lentamente, como zumbis, em direção ao corpo que se encontrava ao final do corredor. Porém, ao chegar à porta principal que lhe daria a liberdade, ele percebeu que esqueceu de um pequeno detalhe. A porta estava trancada e ele em sua agonia por liberdade, esqueceu de procurar pela chave. Como muitas pessoas que anseiam por terem rapidamente sua liberdade, mas se esquecem da responsabilidade, então estando diante da liberdade se esquecem do detalhe principal para serem livres.

Ele ficou parado frente à porta, encarando-a, sem nenhum sentimento expresso em seu rosto, apenas vislumbrando. Como em algumas ocasiões podemos ser tão estúpidos, toda a sagacidade de matar uma pessoa com os próprios dentes, mas quando o instinto interno sobe até a superfície a racionalidade se oculta. Desta forma, esquecemos dos pequenos detalhes que

poderiam ter feito a diferença, assim como uma pequena chave, que poderia abrir a barreira de madeira e metal que nos impede de alcançar a liberdade.

Uma mão encostou-se no ombro do prisioneiro sem-nome, por um momento seu corpo estremeceu, inúmeras imagens mentais vieram à sua mente do ser que poderia estar segurando-o. Ele as afastou de sua imaginação. Virou lentamente o rosto e se assustou com a estranha forma humanóide que viu. Lábios retorcidos, braços longos, saliva escorrendo incessantemente pelos lábios, secreções escorrendo pela fenda onde uma vez houve um nariz, um olho costurado, um olho saudável, sem cabelos, caroços espalhados por todo o corpo, uma corcunda protuberante nas costas e pernas tortas, unhas longas e a nudez de um recém nascido inocente. A estranha forma humanóide se afastou um pouco perante o olhar assustado, então se firmou novamente, mostrou ao prisioneiro sem-nome o que possuía em sua mão... A chave. A ferramenta que traria a liberdade.

O prisioneiro pegou-a sem questionamentos, voltou-se para a porta, por um instante incerto se a chave realmente funcionaria. Ao invés de ficar pensando, resolveu agir, sim, este era um momento que exigia

ações e não pensamentos. A porta se abriu. Quanto ele estava saindo do local oculto voltou sua atenção para a estranha forma humanóide que um dia já tinha sido um homem.

- Venha, vamos sair deste lugar – falou o prisioneiro sem-nome.

- Não – respondeu o humanóide, em uma voz arrastada e irregular – Para mim, já não há mais esperança.

O prisioneiro percebeu que o humanóide possuía um símbolo gravado em sua testa, um símbolo que foi marcado a ferro quente, da mesma forma como se marca o gado de um rebanho, rebanho?

- Você é um deles, não é? Um daqueles que as supostas autoridades chamavam e talvez ainda chamem de “rebanho”.

- Sim – respondeu a mesma voz arrastada, agora como se prestes a chorar – Sou apenas mais um esperando a liberdade, infelizmente minha liberdade só chegará com a morte. Somente então poderei ser livre.

- Mas deve haver alguma maneira melhor, venha comigo.

- Não, para mim o tempo já está deixando de ser tempo, agora vá, pois o tempo ainda é tempo para você – o estranho humanóide fechou a porta e trancou-a novamente.

Por um instante o prisioneiro ficou ali parado admirando novamente a porta, olhou para cima, tentando imaginar toda a extensão da montanha dentro da qual ele esteve preso durante tanto tempo. Após, virou-se e correu em direção à floresta, penetrando a penumbra da noite. Sem preocupar-se com os efeitos de sua imaginação sobre o corpo, pois o pior dos pesadelos havia acabado. Ou isso era o que ele pensava.

. . .

Rosa acordou, o sol já estava alto novamente, por quanto tempo ela dormiu? Nem ela sabia, a confusão momentânea de acordar em um local diferente sem lembra-se de como chegou ali, logo passaria. Ela ainda estava fora de casa. Na rua as pessoas andavam de um lado para outro, sem rumo. Elas pareciam perdidas, crianças e adultos, colegas de aula que estudavam com Rosa. Alguns apresentavam um olhar vago e distante,

completamente alheios ao que se passava na cidade. Como se suas mentes fossem apenas máquinas rotineiras, necessárias, mas facilmente substituíveis. Funcionais, mas facilmente manipuláveis. Assim é a mente da grande maioria das pessoas que compõe a sociedade.

Ela tirou seus olhos das pessoas e ergueu seu olhar até encarar os relógios da torre da igreja, relógios olhos-hipnotizantes, os ponteiros giravam de forma mais acelerada do que o normal e continuavam acelerando. Cada vez mais rápido, o tempo estava ficando distorcido. Ideia louca para um jovem adolescente que sabia apenas se preocupar com as roupas e romances melosos e agora pensando sobre a relatividade do tempo. Ela estava presenciando algo muito estranho.

Olhou para o Sol, olhou para as sombras, ambos também estavam se movendo mais rápido. Não só isso, as pessoas estavam caminhando de forma acelerada, as aves e insetos voavam mais rápido também. O relógio marcou dez horas, depois onze horas, girando freneticamente e finalmente doze horas, meio-dia. Doze badaladas do sino da igreja, já não havia ninguém mais nas ruas, aparentemente o tempo voltou ao seu ritmo

normal. O relógio seguia seu curso novamente, as aves voavam tranquilamente.

Meio-dia, ela deveria ir almoçar, mas pelo visto, Rosa não foi afetada por essa aceleração temporal. O quê fazer então? Algo acontecia em Serenidade, infelizmente não havia jornal local, não havia historiadores e nenhum registro de qualquer informação sobre a ilha. Conversar com alguém mais velho talvez? Isso com toda certeza só causaria ainda mais irritação nas pessoas, pois elas não gostavam de serem questionadas e pensar sobre o passado implicaria em uma análise, mesmo que superficial, de seus próprios atos. Remorso, sim, é esse o sentimento que muitas pessoas teriam de si mesmas e não é isso que elas querem em Serenidade, elas querem apenas seguir em frente com sua felicidade ilusória. Mesmo esquecendo-se do passado e repetindo todos os erros em um ciclo infundável. Repetindo todo o sofrimento, sorrindo por todo o sangue derramado.

Entretanto, havia um lugar em que Rosa sabia poder encontrar alguma resposta, a montanha e a floresta que a recobre. Neste local ela poderia encontrar algum tipo de informação para formular suas hipóteses

sobre a iniciação. Para tentar entender esta cultura delirante, destruí-la seria bom? Neste caso depende, manter a diversidade cultural ou livrar as crianças do sofrimento louco imposto pelos adultos? Rosa levantou-se e seguiu caminho pela rua vazia, apenas ouvindo o canto de uma ou outra ave e ao fundo o som constante do mar.

Quando chegou na montanha, após uma longa caminhada, parecia que o tempo não havia passado, ela não conseguia mais ver os relógios da torre. Teve a impressão de que o Sol ainda estava na mesma posição. Ela estava na base da montanha, um local com relevo levemente ondulado e coberto por pasto, onde alguns bovinos se alimentavam próximo a ela. Foi caminhando lentamente pela borda da floresta, procurando o sinal de alguma trilha que ela pudesse seguir. Se ela encontrasse alguém na trilha poderia ter que encarar algumas autoridades, mas se não fizesse isso poderia muito facilmente se perder em meio à vegetação. Após mais alguns minutos de caminhada finalmente encontrou uma trilha e iniciou seu caminho. Quando estava em local aberto e exposto ao Sol, a temperatura estava relativamente elevada, no entanto em meio a vegetação

o ar parecia mais fresco, mais leve, mais puro, estava até sentindo-se mais calma, encarando sua “espionagem” como um ótimo passeio.

Andava com calma e cautela, observando todos os detalhes da trilha, sem saber o que poderia encontrar pela frente. O tempo parecia seguir seu curso normalmente. Andou por mais de uma hora, sempre subindo a montanha. A trilha era longa e o terreno bastante íngreme. Rosa não encontrou nenhum sinal da presença de pessoas. Até que ouviu os passos, passos de alguém que estava correndo, descendo a montanha como se estivesse em fuga. Ela saiu da trilha, se escondeu atrás de alguns arbustos. Ficou ali, abaixada, apenas observando, controlando até a respiração para evitar qualquer barulho que pudesse indicar sua presença. O prisioneiro fugiu durante a noite e em poucos instantes já era dia, estranha forma do tempo agir.

Diante da visão que Rosa tinha da trilha surgiu um homem, usando roupas brancas sem nenhum adereço, pés descalços, respiração ofegante e o que mais? Lágrimas? Sim, lágrimas escorriam pelo rosto do homem. Seus cabelos estavam raspados tal qual o de

um prisioneiro e a boca estava ensanguentada. Rosa permaneceu escondida e quando o homem passou perto dela teve um súbito impulso de trancar a respiração. Gostaria que seu coração tivesse parado também e assim não fizesse nenhum barulho sequer. Isso não foi necessário, o homem passou rápido, provavelmente aproveitando a força da gravidade em sua queda. Poucos minutos depois já tinha saído do campo de visão de Rosa.

Seria um fugitivo? E se fosse, fugindo de quem? Perguntas que ela não podia se dar ao luxo de responder, porque mais alguém estava descendo a trilha. Não apenas uma pessoa, mas várias. Ela sabia que agora não tinha como voltar para a trilha, se arrastando pelo chão, escondida pelos arbustos e pelas árvores, ela se afastou ainda mais da trilha. Sempre tentando evitar fazer barulho, o que vinha a ser um pouco difícil com a camada de folhas secas que recobria o chão.

Quando estava a uma distância devidamente segura Rosa ficou observando, na trilha um grupo de cinco pessoas vestidas como monges desceram correndo e gritando.

- Por Y'zühr, agarrem aquele maldito! Ou seus corpos queimarão no Ni'vlek por toda a eternidade, sendo castigadas pelo açoites de B'leohr.- Mais palavras que ela não conhecia.

Em breve ela receberia as respostas para muitas de suas perguntas, talvez quando Ele chegar, aquele que já havia convocado o prisioneiro sem nome há algum tempo atrás. No momento, ela precisava sair daquele lugar sem voltar para a trilha, seu passeio espião chegou a um ponto final. Continuava a se afastar da trilha, andando agachada de costas para a direção que tomava, pois assim podia vigiar a trilha. Infelizmente na vida nem tudo ocorre de forma adequada ou como nós gostaríamos que ocorresse. Andar sem olhar o caminho em uma região íngreme dentro da floresta pode ser um erro. Rosa descobriu isso na prática. Uma região com rochas e terra escorregadia, por onde a água escorria em época de chuva, foi neste local que ela tropeçou e escorregou.

Sentiu o tornozelo sendo torcido, quando uma dor horrível irrompeu desta região subindo por sua perna, como se dezenas de pregos estivessem sendo enfiados em seus músculos, sentiu seus tendões serem

distendidos e torcidos. No mesmo instante perdeu o equilíbrio, chocou-se contra o chão, batendo com a lateral do corpo. Escorregou pela terra lisa e pelas rochas cobertas com limo. Rolando, e por vezes, esfolando-se. Gritar seria uma ótima opção para aliviar a dor e o desespero, é claro que se gritasse, logo os estranhos guardas viriam investigar o local. Ficaria difícil fugir com um tornozelo machucado.

Quando conseguiu segurar-se estava entre cinco e seis metros abaixo do local inicial de sua queda. Permaneceu deitada no chão. Respirando ofegante, chorando pela dor. Não era nenhuma heroína, não sabia lidar com a dor. Sempre lhe disseram para ser forte e resistir às dificuldades da vida. Ela tentava, só que na prática isso era bem mais difícil.

A vegetação arbustiva era alta ao seu redor, ela permaneceria ali por algum tempo, até ter certeza de que os guardas voltaram para seu local de origem. Além do mais ela precisava descansar um pouco, muita agitação nos últimos dias para quem tinha uma vida rotineira dividida entre estudos e atividades caseiras. Este lugar úmido e fresco, oculto em meio a floresta poderia ser

bom para recuperar as forças perdidas com as dores da queda.

Sangue escorria de cortes em seus braços e pernas, havia também alguns pequenos cortes na face, nenhum deles muito grave. A endorfina começou a se espalhar pelo seu corpo, um pouco tarde talvez, mas quem liga? Pelo menos a dor estava diminuindo, na verdade ela estava sentindo tonturas, um pouco de sono até, teria ela sofrido um traumatismo craniano? Ela não se importava, só queria que tudo isso fosse um sonho e que a qualquer momento ela fosse acordar em sua cama e voltar para sua rotina. O mundo estava escurecendo e rodando, sinos badalavam em seus ouvidos e fogos de artifício explodiam em seus olhos. Desmaiou. Um estado inconsciente que lhe traria sonhos. Sonhos estranhos e diferentes. Seriam os sonhos previsões de nosso futuro? Demonstrações originadas de nosso subconsciente referente ao nosso estado emocional ou aos acontecimentos do dia? Ela não sabia, nem lhe cabia saber.

Em seus sonhos ela sobrevoava a ilha, ao invés de cair ou descer, estava subindo, distanciando-se do local onde estava. Alcançando o céu e tão logo as

estrelas. Como eram magníficas as estrelas, a lua em sua projeção, maior do que ela jamais tinha visto. E a Terra, nosso pequeno planeta azul, girando na imensidão do cosmo. Uma cianobactéria vagando num oceano.

Uma voz agora chamava a jovem moça.

- Rosa, Rosa, como és bela entre todas as outras flores. Existiria perfume mais doce do que o seu? Cada pétala um universo, cada grão de pólen um mundo. Muitos a desejam, mas sua beleza esconde seus espinhos, que tão logo espantam as mãos ardilosas daqueles que tentar agarrar-te. Assim podem apenas encher as vistas com sua beleza. E sonharem com sua presença.

- Quem é você? –perguntou Rosa, uma pergunta óbvia, o quê mais ela poderia dizer? Como alguém poderia saber que mesmo repudiada por muitos devido ao seu jeito de ser e aos acontecimentos que a cercavam, ainda assim era cortejada por tantos outros.

- Não tenha medo... Quem eu sou não importa...

- Para mim importa, como vou ter certeza de quem é você? Droga! Acho que você é minha

consciência, estou falando comigo mesma em meus sonhos.

- Isso é mais que um sonho Rosa. Estou interagindo e mandando informações para seu cérebro, em si o sistema é muito complicado de explicar. Ficará para alguma outra ocasião. O tempo é escasso e dependemos dele para tudo. Voltemos à sua pergunta original. Quem sou eu? Eu não sou o prisioneiro sem nome, eu sou eu. Nomes você quer? Ao longo das eras já recebi muitos nomes, cada civilização deste planeta me chama de uma forma, cada civilização de outros universos além deste pode me chamar de outros nomes. No momento ainda não cabe a você saber quem eu sou. Eu apenas lhe trago informações, ninguém me amaldiçoará por dar o poder do conhecimento ao homem, portanto é o que eu faço. Apenas mostro a verdade para que os seres vivos tenham a opção de escolher, se permanecem com suas crenças ou abrem suas mentes para a razão. Não um livre arbítrio digno, é comparável até com o falso livre arbítrio ofertado pelas igrejas. Acredite em deus ou vá para o inferno. Todos sabem que livre arbítrio é praticamente inexistente.

- Estou sem palavras... Você falou e falou e eu não entendi nada. Discussões profundas nunca foram o meu forte, se é que você me entende.

Os dois flutuavam orbitando ao redor da Terra. Claro, só poderia ser um sonho, ou talvez não. De qualquer forma não perdia sua beleza.

- Veja querida Rosa, observe tudo ao seu redor. Onde estamos nós?

- Em um sonho.

- Não. Veja além. Perceba as coisas.

- Estamos no espaço, no universo.

- Então, por que se preocupar com o que se passa aqui? O que somos nós perante todos os universos?

- Universos?

- Sim, muitos além deste, todos girando em espirais ao redor uns dos outros. Novos universos surgindo a todo o momento, assim como muitos morrendo. Muitos sofrem colisões, trazendo assim a destruição de dois ou mais universos. Alguns, ao colidirem, se fundem formando um universo híbrido.

- Eu pouco entendo de astronomia, na ilha só nos ensinam o básico, lá a ciência não é muito admirada pelas autoridades. Eles dizem que a ciência faz pensar e

isso não é considerado uma virtude em Serenidade. Pelo pouco que eu sei sobre o espaço, pensei que fosse infinito, pelo menos foi o que nos ensinaram na escola, e que só havia um universo, então você aparece em meu sonho e me fala sobre “universos”?

- Sinto muito sobre sua situação Rosa, é algo lamentável. Como pode aqueles que possuem o suposto “poder” em suas mãos, privarem as pessoas de toda a beleza do conhecimento científico? Seria por demais necessário que estas pessoas abandonassem seus dogmas apenas por alguns minutos, deixassem suas doutrinas egoístas de lado, para que assim pudessem ver a beleza real do mundo, toda a felicidade que o conhecimento nos traz.

“Voltando ao seu conhecimento sobre o universo, posso dizer que, nosso presente universo, é tão extenso perante os olhos dos homens que nem mesmo sua imaginação consegue comportá-lo. Destarte, as pessoas preferem dizer que ele é infinito. Talvez este seja o caminho mais fácil, mas sabemos que nem sempre o caminho mais fácil vem a ser o caminho certo. Eu lhe digo, onde este universo termina outro começa. Todos os universos separados uns dos outros por membranas

extremamente finas. Como bolhas de sabão, mesmo assim, forte o bastante para mantê-los estáveis, orbitando uns ao redor dos outros e se expandindo por tempo indeterminado. O que há após todos os universos? Bom, agora sim pode-se afirmar que após a imensa quantidade de universos, existe o verdadeiro vácuo, o verdadeiro vazio, a verdadeira escuridão, sem nenhuma forma de energia e nem matéria. O nada e o zero absoluto e onde o tempo não existe. Lá o tempo não é tempo.”

- Tudo bem, eu entendi isso que você me explicou. Surge-me uma dúvida, nós somos importantes no meio de toda essa grandiosidade? – a Terra continuava girando abaixo deles, agora ela via a América do Sul passando abaixo de si. Ali onde estava não sentia nada ruim, apenas uma calma interior e constante. Chegou a conclusão de que era interessante adquirir novos conhecimentos, abandonando um pouco a neofobia. Já que na ilha, pouco conteúdo continental entrava e ela acreditava que a ilha nem mesmo aparecia nos mapas.

- Eu gostaria de dizer que somos importantes ou que vocês são importantes, mas certamente não. Tente

imaginar o deserto do Saara, querida Rosa. Imagine todos os infindáveis grãos de areia que ele possui. Retire um desses grãos de areia, ou seja, retire uma pessoa. Os grãos de areia que estavam à sua volta podem ter notado que um desapareceu, os outros não. Coloque agora esse grão de areia em outra parte da pequena área, representa o nascimento de uma nova pessoa, mas como uma que desaparece, somente os que estão mais próximos percebem que um novo surgiu. Perante a imensidão da pequena área que escolhemos, poucos grãos nada representam.

“Agora imagine, o que você representa na Terra... nada! Exatamente nada! O tempo segue seu caminho, você apenas está de carona nele. Se ainda não está convencida, imagine o que significa um grão de areia para todo o deserto do Saara? Nada. Assim como eu e você no universo. Pense em todos os universos, todos os “desertos do Saara”, milhões, bilhões, talvez trilhões. Girando, colidindo, nascendo, morrendo. Em meio ao verdadeiro nada, no verdadeiro nada absoluto, no Ni'vlek, como diria o povo antigo de sua ilha. Ainda há mais uma coisa que eu preciso lhe dizer.

- Então diga. Após me dizer que só represento algo para as pessoas ao meu redor, no entanto, nada para o universo. Se for verdade isso que você diz, talvez seja a verdade, ela é com toda certeza difícil para as pessoas engolirem. Tendo em vista que atinge diretamente o egoísmo irracional das pessoas, onde estas se consideram iguais, porém ao mesmo tempo gostam das diferenças, cultivam a diversidade. Para novamente dizerem que as pessoas não devem ser comparadas. Dizem que as pessoas devem ser humildes e em suas mentes querem ser reis e rainhas, apenas para serem mais importantes e famosos.

- Viu só, você já está começando a entender como as coisas funcionam, já está deixando suas ideias fluírem. Isso é bom, muito bom. Um renascimento da filosofia. Eu preciso lhe dizer que não são todos os universos que tem vida, alguns não tem nem mesmo matéria, somente energia. Outros somente antimatéria, no entanto estes logo entrarão em colapso. A vida, eu lhe digo, não é nenhum milagre, linda Rosa. Assim é, assim foi e assim será. A vida, per'kect-um'subm, como diriam em outro universo. Não passa de um jogo de probabilidades e improbabilidades, da existência de

determinados fatores ao longo de milhões de anos. Como sempre, além dos fatores, é o tempo, o dono de tudo, ele que determina o que irá acontecer. A imensidão do tempo e a complexidade dos fatores, aliada às probabilidades, sempre conseguem acabar com imaginação humana. Acabam com a imaginação, mesmo sendo tão parcimoniosos. Desta forma, você e tantos outros, preferem acreditar na existência de um criador. Sim, de fato, muito belo. Mas apenas mais um conto, inventado pelas pessoas que temem a verdade ou que ainda estão cegas ou até mesmo repudiam a verdade, pois preferem suas ilusões irracionais. As pessoas têm liberdade de acreditarem naquilo que elas querem, mesmo que isto seja a mais absurda mentira. Entretanto, devem conhecer a verdade, a verdade livre de dogmas.

- É realmente incrível, senhor vários-nomes, você me explica tudo isso, ofende minha fé e mesmo assim não é capaz de me dizer um nome específico pelo qual eu possa recordar sua imagem. – Rosa parou para reparar no homem que estava em sua frente. Sua pele era pálida, assim parecia, com cabelos longos e escuros, mas em nenhum momento ele havia olhado direto para ela, ela não tinha visto seu rosto. Apenas suas mãos,

que pendiam livremente aos lados de seu corpo recoberto por um manto escuro com as pontas desgastadas, demonstrando que se tratava de algo muito antigo. Por um momento ela pensou em pedir que ele mostrasse seu rosto. Ficou com medo do que pudesse ver e desistiu da idéia.

- Me desculpe por supostamente ofender a sua fé, a verdade deve ser dita, por mais dolorosa que ela possa ser. Além de que, não se deve defender crenças como se fossem verdades absolutas, pois elas não são. Frutos imaginativos elas são, refutá-las é o que devemos fazer. Quanto aos nomes, meus nomes não são importantes, bela Rosa. Aqui e agora, eu sou apenas um humano, em outros universos talvez me chamem do próprio Ni'vlek ou até de Darmetuhüt. O nome não importa. Enquanto o tempo ainda for tempo, muitos eu ainda terei. Digamos que eu seja alguém que aprendeu a driblar o tempo e o espaço. E para a atual ocasião pode me chamar de Sonohrk.

“Eu, por fim, só posso lhe dizer poucas coisas. Por mais que você saiba agora que a morte é o fim e que nada há além dela. E que os fatos que as pessoas usam para afirmar que há algo após a morte são na verdade

distúrbios cerebrais, ilusões e medo infantil perante a realidade. Conhecer tal fato não acaba com a beleza da vida, muito pelo contrário, só a torna mais bela e mais valiosa. Aumenta nossa responsabilidade para com os outros seres. Por mais que as pessoas queiram acreditar na existência de uma alma que continua infinitamente, não é assim que as coisas funcionam com o tempo. Nada dessas imaterialidades existe. Como sempre as pessoas criam essas idéias descabidas e as aceitam como sendo verdade.”

“Eu lhe digo, aproveite sua pequena vida, e ajude seu povo, para que pelo menos ele não se destrua antes que o verdadeiro fim do seu universo chegue. Acredite, muitas gerações irão nascer e morrer até que ele chegue. Pois seu universo ainda é jovem, está em um local firme, onde poucas colisões entre universos ocorrem. Sei disso, por que sinto isso, não no ar, mas conheço a idade de seu universo. Da mesma forma como as pessoas sentem o tempo de forma relativa. Seu universo ainda é muito mais novo do que outros universos e muito mais velho do que os universos que surgiram ainda há pouco. Perpetuar a espécie essa é a grande questão no jogo evolutivo, ou seja, na vida.”

- Então se algo der errado na ilha, como eu deverei agir? Se o que acontece deve acabar para que não se espalhe pelo resto do mundo, como um vírus que se espalha de pessoa em pessoa, mas um vírus que infecta a mente. Como eu posso ajudar para resolver isso?

- Isso já se espalhou para o mundo, você pode apenas conter o epicentro. Mais um aviso eu lhe dou. Se isso você fizer isso, com sua própria vida você acabará, muito provavelmente você não viverá para ver seus resultados, pois o povo daqui é infecto com o mal da loucura mórbida e insana que ocupa a mente humana. O mal que infectou todos os povos, o mal de todas as gerações, o mal que se oculta em todas as crenças. Ainda se eles usassem o irracional para expressarem seus sentimentos, isso seria melhor, mas preferem usar o irracional para suas crenças descabidas e estas devem ser refutadas. Há de chegar o dia em que a sociedade não se entregará a todos esses pensamentos supérfluos e mesquinhos. Rosa, você estaria disposta a abrir mão de sua vida, mesmo sabendo que essa ilha nada significa na imensidão dos universos?

- A ilha pode não significar nada, assim como eu também não. Porém se isso que eu fizer tornar as coisas melhores para os grãos de areia que me rodeiam. Ou tornar o fim delas mais tranquilo, mesmo que seja antes do fim do universo “Saara”. Então morrerei feliz. Sabendo que inúmeras gerações não precisaram sofrer tudo que eu sofri. Não é esse o sentido da vida? Viver feliz, tornar aqueles que nos rodeiam felizes e contribuir para que meu povo não destrua a si mesmo antes do verdadeiro fim? Daqui a bilhões ou trilhões de anos? Assim impedindo que inúmeras gerações se percam na irracionalidade?

- Você diz a verdade, está começando a entender o universo. Nem tudo precisa ter um sentido perante os fatores e o tempo. Porém, aqui nossa conversa chega ao fim. Vá e faça o que você deve fazer, pois o tempo ainda é tempo e ele flui rápido como sangue num corte profundo.

O sonho começou a ficar enevoado, Rosa se aproximava da Terra, sempre aumentando a velocidade, e quanto mais perto, mais turvo o sonho ficava. Até tudo ficar completamente branco como que tomado por um

denso nevoeiro que engole aqueles que ousam descobrir os segredos ocultos dentro dele.

Rosa voltou a si, continuava deitada, porém não estava no mesmo lugar. Estava em uma cama, coberta com um lençol e uma manta. No quarto onde estava não havia nenhuma outra mobília além da cama. As paredes eram de madeira, o chão também. Confeccionado de madeira antiga e velha. O cheiro característico espalhava-se pelo ar. Madeiras que se pudessem falar teriam muitas histórias para contar, infelizmente permanecem caladas, mantendo seus segredos. Havia uma porta no quarto, que muito provavelmente levava ao resto da casa e uma pequena janela em frente a cama. Lá fora o vento soprava, proclamando suas reclamações, a chuva caía, a água seguindo seu ciclo, como tudo que nos rodeia. Tudo no mundo seguem ciclos, infindáveis repetições do passado. A única coisa que muda são as peças neste tabuleiro que passamos a chamar de vida. Quanto tempo ela ficou inconsciente? Pouco tempo ela imaginava, mas temia que esta não fosse a verdade.

. . .

O sacerdote estava em frente à igreja, com o corpo do prefeito nu e mutilado perante seus pés. Após o prisioneiro ter atacado o prefeito, em êxtase os guardas continuaram o serviço inacabado. Mordidas se espalhavam por todo o corpo, nacos de carne faltavam em várias partes, os olhos haviam sido arrancados, faltavam pedaços das orelhas e do nariz, e os orifícios foram profanados. Quando as pessoas não cultivam sua racionalidade, seus pensamentos, seu conhecimento e se deixam levar pelo irracional, pelas suas alucinações e delírios, é este o resultado que temos: violência.

O rosto do sacerdote estava vermelho, sangue fluía por todas as camadas do sistema circulatório de sua face, uma veia característica pulsava em sua têmpora. A dor de cabeça era infernal, como se sua cabeça fosse inchar até estourar, como se houvesse um pequeno ruminante enfurecido dentro de seu crânio dando coices para todos os lados possíveis. Qual a solução? As pessoas já estavam perdendo o controle, este ano eles não conseguiriam esperar. Uma multidão de pessoas jazia ajoelhada em frente à igreja. Todos fascinados e obcecados pelo corpo inerte que ali jazia. Todos loouvavam Y'zuhr. O grande criador, o grande

senhor da verdade, o ser onipotente e onipresente, assim eles diziam. Assim lhes fora ensinado. Graças a Y'zühr. O sacerdote? Seu canal direto de comunicação com Y'zühr. “Alô, Senhor? Será que podia me dar uma ajudinha, as coisas estão um pouco complicadas aqui embaixo, será que você consegue impedir que crianças inocentes, que não sabem diferenciar o certo do errado, morram de fome e doenças?”. “Arrebanhe as pessoas como um pastor que arrebanha seu gado para o matadouro. Derrame todo o sangue possível, faça com que as pessoas comecem a agir de forma sub-animal, e então pensarei em ajudá-lo.”

Ele era o sacerdote, não podia pensar desta forma, muito menos neste momento. Era necessário tomar as rédeas, botar ordem no galinheiro. Mostrar quem mandava no povo. Mostrar que se você não está ao lado da divindade você deve ser excluído, é claro que o certo seria respeitar as diferentes opiniões em um debate sério e moral. Mas esta era Serenidade, e nesta ilha Y'zühr é a lei e a moral. Ilha na qual ninguém deve subestimar o sacerdote.

. . .

Rosa havia saído do quarto. Foi até a cozinha, neste cômodo, na frente de um fogão a lenha, havia um senhor aparentando ter uma idade já avançada. Ao lado dele, seria possível? O homem que ela viu fugindo algum tempo atrás, algumas horas atrás, algo em torno de doze horas para ser mais exato.

No momento os três jaziam sentados formando num pequeno círculo, tomavam o velho e bom chimarrão, em um ato de compartilhamento mútuo, todos iguais, bebendo da mesma fonte, bebendo na mesma cuia. Muito havia para ser falado. Muitas explicações a serem dadas. De fato, o senhor idoso que ali se encontrava presente era uma das pessoas mais velhas da ilha, tinha sobrevivido ao passado obscuro, refugiando-se em meio à floresta e ali permanecendo oculto, vivendo da pesca, da caça e da coleta. Porém o passado deixa suas marcas, sua impressão digital fica impressa em nossos corpos quando o tempo começa a nos ultrapassar, o senhor que se chamava Paulo Hacke, possuía muitas cicatrizes de agressões. Uma grande cicatriz visível no lado esquerdo da face, indo do canto de sua bochecha até sua orelha, como se alguém tivesse

tentado colocar um grande sorriso em seu rosto. As outras eram menores e espalhadas pelo corpo. Se fossemos investigar mais atentamente perceberíamos que ele não possui mais testículos, pois eles foram arrancados por insubordinação perante as supostas autoridades que tanto tentam dominar o povo.

O prisioneiro já estava usando calçados, chinelos de dedo com meia, não era uma combinação digna de uma jantar de gala, mas mantinha seus pés aquecidos. Uma calça de algodão e uma blusa de lã. O tempo estava enlouquecido, e o clima também, em um dia tinha-se temperaturas extremamente elevadas e em outro o frio chegava a zero grau. Ele havia contado para Rosa que não se lembrava de seu nome. Após as apresentações, foi a vez de Paulo tomar a frente em suas palavras. Era importante que os dois jovens que ali estavam presentes soubessem a parte da história que ele conhecia.

- A história de nossa ilha é antiga, mas não é mais antiga do que o tempo – Paulo fez uma breve pausa para tomar o resto de seu chimarrão e passou a cuia para Rosa – Podem tomar eu já estou satisfeito. Voltemos ao assunto. Quando os imigrantes europeus

aqui chegaram, não encontraram uma ilha inabitada, não, com toda certeza não. Havia um povo aqui, nativos sul-americanos. Uma tribo completamente diferente de todas as outras.

“Acredita-se que a tribo que aqui vivia foi expulsa do continente pelas outras tribos. Por causa de seus rituais que logo se espalhavam acabando com as outras culturas. Causando morte e desgraça entre os outros moradores sul-americanos. E aqui esta tribo permaneceu, isolada e esquecida, até a chegada dos europeus. Quando estes aqui chegaram, no princípio apenas quatro embarcações, foram muito bem recepcionados. Porém, ao verem a nudez e a inocência das mulheres da tribo, os imigrantes libertaram seus instintos selvagens e não perderam tempo em estuprar todas as mulheres possíveis, dia após dia, o dia todo. Os homens da tribo nada fizeram, apenas riam e falavam que era a vontade de seus deuses, que tudo era por causa dos tempos que se aproximavam.”

- A iniciação? – perguntou Rosa desviando os olhos do rosto de Paulo, sentindo-se mal por ter interrompido a história. Quem respondeu foi o prisioneiro.

- Não, mas as raízes dela são mais antigas do que nossos antepassados. Por favor, continue Sr. Hacke.

- Acontece que, quando as famílias dos imigrantes começaram a chegar, os nativos pararam de rir. Os imigrantes notaram, ficaram assustados. Os nativos começaram a atacar violentamente, como se estivessem contaminados com raiva. É claro, os imigrantes possuíam armas de fogo, não demoraram a dominar os nativos. Prenderam todos, espancaram todos, as famílias dos imigrantes ajudaram, pois achavam que tinham o direito de domínio. Declarando-se como os enviados de deus, fazendo tudo através de inspiração divina. Será que algum dia as pessoas deixarão de justificar seus atos usando amigos imaginários?

“Os imigrantes não chegaram a matar os nativos, construíram uma espécie de prisão em algumas das cavernas ocultas na floresta. Logo, passaram a chamar os nativos de rebanho ou gado, a insanidade começou a se espalhar. Começaram a marcar os nativos a ferro quente, usavam como escravos para todos os tipos de serviço, incluindo aqueles em que vocês devem estar pensando. Até o momento em que o sacerdote e o governante da ilha tomaram uma decisão. Não poderiam

governar o povo adequadamente se eles vivessem fazendo tudo o que queriam. Assim, começaram a tentar organizar a ilha. Começaram a estruturar as tradições.”

- Mas como isso se manteve durante tanto tempo?

– perguntou Rosa, agora demonstrando aflição em sua voz. Quem respondeu foi o prisioneiro.

- Você já esteve fora da ilha? – ele encarava seriamente a moça que estava em sua frente.

- Já, eu acho... Não, nunca.

- Bom, a verdade é que ninguém sai da ilha. – continuou o prisioneiro - Eu já estive fora uma vez. Eles me trouxeram de volta. Prenderam-me, pois descobri assuntos que as “supostas-autoridades” não gostariam que ninguém soubesse. O fato é que nossa ilha não aparece nos mapas. Em todos os lugares que eu fui, ninguém nunca ouviu falar em Serenidade.

- Você está brincando? – perguntou Rosa.

- Não – respondeu Paulo, olhando distraidamente para o chão, lembrando-se de todo seu passado, questionando-se sobre onde estaria deus para permitir que tudo aquilo ocorresse, talvez morto? – Ele está falando a verdade e coloco minha mão no fogo por ele. Continue, pois o tempo está passando.

- Nenhuma tecnologia entra na ilha, barcos são abordados em alto mar para evitar que se aproximem da ilha. Nestas abordagens, uma vez ou outra ocorre alguma forma de comércio tecnológico. Nos últimos anos o comércio se intensificou e as “supostas-autoridades”, aqueles-que-governam e aqueles-que-iludem, passaram a fazer várias viagens para fora da ilha. Alguma coisa grande está acontecendo, não somente aqui, mas fora da ilha também. As tradições estão se espalhando, porém a central continua sendo a ilha. Tudo sempre começa aqui.

Paulo começou a chorar desesperadamente, sendo consumido mentalmente por seu passado. O passado pode condenar a consciência de um homem. Pode enfraquecê-lo, a ponto de trazer inúmeros sentimentos à tona. Infelizmente, não podemos esquecer do passado. Precisamos entendê-lo, pois foi através dele que chegamos ao tempo presente.

O choro, o arrependimento, a condenação... a morte se levanta.

Capítulo 04

- Sr. Steinkopf?

- Fale servo – o sacerdote estava sentado dentro da igreja, observava todos os vitrais. Ouvindo a som lamuriante do vento passando pelas janelas da torre. Refletia sobre suas futuras decisões.

- A arena já está pronta, o povo já está ficando fora de controle. Não poderemos contê-los por mais tempo.

- Não! – o sacerdote berrou, bateu sua mão fechada contra o banco, o som da batida ecoou pela igreja – Eles vão esperar! Tragam até mim aquela guria, moça ou mulher a quem chamam de Rosa, da família Erromobut, eu quero ela! E quero o prisioneiro também! – saliva escorria pela boca do sacerdote, seus olhos estavam vermelhos, as veias de suas mãos estavam dilatadas e as de seu pescoço pulsavam nervosamente. – Vá! Eles estão na casa do velho Paulo Hacke! Ele disse que nos ajudaria se deixássemos ele voltar a viver

próximo ao mar, mas é claro, não cumprimos a promessa. Traga-me ele também. Prendam eles nas cruzes, não terminem o serviço. Quero cuidar deles pessoalmente, eles mataram Joaquim, agora eu matarei eles. Vá!

- Sim, ó senhor. Que Y'zuhr esteja com você. – o servo se afastou, seus passos ecoavam pelos corredores, foram se afastando até a entrada principal da igreja. Quando ele abriu a porta, Proced pode ouvir que lá fora havia uma multidão implorando por Y'zuhr. Povo tolo pensou consigo mesmo. Louvando o inexistente, somente porque não conseguem aceitar a verdade que está perante seus olhos, mentes impregnadas pela falta de informação. É assim que eles devem permanecer.

Proced se levantou, as coisas estavam saindo do controle novamente, sempre por causa daquele prisioneiro. Andou até o altar, atrás havia mais uma garrafa de seu fermentado preferido. E também um chicote, ele precisava acalmar um pouco o povo, antes que as coisas piorassem. Pegou o chicote, desceu até o porão da igreja. O rebanho já havia sido trazido até ali.

. . .

Paulo se acalmou, Rosa e o prisioneiro se entreolhavam nervosos. E Paulo continuou sua história.

- Bom, depois de alguns anos as autoridades da ilha começaram a forçar os nativos a procriarem ou eles mesmos reproduziam-se com as prisioneiras. O cruzamento entre os membros do rebanho era obrigatório, então vocês devem imaginar que após alguns anos de endogamia, seres deformados começaram a nascer. A falta de exposição aos raios solares também acabou por influir em algumas doenças. Sendo assim, a qualidade do rebanho começou a decair, por causa disso, hoje eles ainda forçam a endogamia, apenas para terem quem matar. Para manterem as linhagens saudáveis, bom, os homens da ilha estupram as mulheres do rebanho. – Rosa estava perplexa, o prisioneiro já sabia destes acontecimentos, Sonohrk havia lhe mostrado a história. Paulo continuou sua história, não havia motivos para não contar, os dois jovens logo estariam mortos e ele teria seu lar novamente. Poderia sentir a maresia, a areia massageando seus pés, a água do mar molhando seu velho corpo.

- A questão é que com o tempo as pessoas começaram a se acostumar a matar os nativos, começaram a gostar de seus atos insanos. Quando as supostas autoridades perceberam, resolveram estabelecer normas para que suas tradições não entrassem em colapso, acho que já falei sobre isso, minha mente está confusa. Bom, hoje em dia, a cada dois ou três anos, quando o rebanho se reproduziu de forma adequada ou quando as pessoas começam a sair do controle, eles fazem a iniciação, que apresenta algumas diferenças... – barulhos vinham do lado de fora da casa, todos ficaram em silêncio. Uma voz rouca e alta chamou por Paulo, ele não respondeu. A voz chamou mais uma vez, ele mais uma vez permaneceu em silêncio. A porta da casa foi arrombada.

Um grupo de dez homens avançou correndo para dentro da casa, usavam vestes pretas e máscaras brancas escondendo seus rostos, todos empunhavam uma espada ao estilo medieval. Eles já sabiam onde seus alvos estavam, tudo já havia sido planejado.

Chegaram na cozinha, lá estavam os três, Rosa e o prisioneiro estavam de pé junto à janela, tentando abri-

la para escapar. Mas esta havia sido trancada para evitar possíveis fugas.

- Pronto, eu fiz o combinado – disse Paulo demonstrando confusão em sua face e em sua voz, sem saber se sorria ou chorava – agora me deixem ir. – Rosa e o prisioneiro olharam perplexos para ele.

- Você! Seu traidor maldito! – gritou furioso o prisioneiro, seu rosto ficando vermelho. Pulou na direção de Paulo, porém foi acertado com um chute em seu estômago. Parou estático por algum tempo, até que pendeu para trás e desmaiou. Rosa começou a gritar. Não demorou e agarraram-na, amarraram seus pés e mãos, taparam sua boca.

- Então, vou poder voltar para perto do mar ou não? – perguntou Paulo. Quem respondeu foi o líder do grupo, em sua máscara usava uma cruz vermelha estampada na testa. Seu nome era Josué, um homem baixo, mas de grande habilidade com armas.

- Você terá o mesmo destino que eles, assim o grande mestre Procead deseja, ele é a voz de Y'zühr. Portanto, nós o obedecemos para que quando nossa morte chegar possamos subir aos céus.

- Nós combinamos de outra forma...

- Não questione Y'zahr! Não questione Proced!
Ele diz a verdade, ele é a verdade. – Josué ergueu sua espada, o medo tomou conta de Paulo. A espada desceu zumbindo, cortando o ar, enterrou-se na cabeça de Paulo. Abrindo uma fenda que se estendia da testa ao nariz.

O sangue jorrou, o corpo de Paulo estremeceu em espasmos. Seus olhos giravam loucamente nas órbitas, soltou um gemido baixo e caiu no chão. Deixando escapar um pouco do conteúdo que havia dentro de sua cabeça. O sangue começou a se espalhar pelo chão. Em seu último suspiro a palavra “mar”, escapou de sua boca, baixo como um sussurro. Ainda sonhava em reencontrar seu velho amigo composto de água salgada.

Rosa viu todo o acontecimento e chorava desesperadamente, já imaginando o que o destino havia reservado para ela.

. . .

O local era a prisão onde o prefeito foi morto. No corredor todas as portas intermediárias estavam abertas. Havia dois guardas vestidos de monges ao lado de

cada porta. Em suas mãos havia bastões que emitem descargas elétricas, estes só eram usados durante a iniciação, uma das inovações tecnológicas que chegaram até a ilha nos últimos anos.

Como que para contradizer esta visão monótona e estática, havia os gritos, o choro desesperado. Uma das portas, localizada na região central do corredor, dava para uma grande área, para uma caverna. Neste local era onde o rebanho estava sendo preparado para os tempos que se aproximavam, e que, de fato, já chegaram.

Nesta caverna, que só possuía uma entrada, os acontecimentos eram horríveis, em certas partes da caverna haviam lâmpadas ultravioletas espalhadas, emitindo sua radiação UV. O cheiro era de mofo, umidade, sangue coagulado, fezes, o fedor humano. A água que o rebanho bebia em seu córrego subterrâneo era originária dos esgotos de Serenidade. O alimento, bem, podia ser qualquer coisa, arroz que era plantado na ilha, vísceras de peixes, folhas de alguma planta qualquer, que por vezes, poderia ser tóxica e causar diarreia em algum membro do rebanho. Somente para

piorar as condições ainda mais e para aumentar a diversão do povo.

Todavia, os choros e os gritos desta ocasião não eram originários das condições do local e sim da preparação. Pessoas menores de dezenove anos permaneciam presas na caverna, mulheres e homens com condições físicas razoáveis, e que tinham, entre dezenove e trinta anos eram levadas para o ritual, não sendo mortas. Pessoas com alto grau de deformidade corpórea e acima de quarenta ou cinquenta anos, que era o limite de idade atingido pelo rebanho, seriam levadas para o ritual. Estes para sofrerem o lado mais obscuro da iniciação, se é que há alguma situação considerável menos grotesca na iniciação. A questão é que, com o passar dos anos, as coisas vão mudando. Se você tem um carro comum, logo você quer um melhor, você quer mudar. Se você adquire o hábito de bater em pessoas, logo, você irá desejar esquartejá-las, pelo simples fato da mudança de gostos. De querer sentir o extremo da libertinagem, sentir a completa anomia. Simplesmente para satisfazer seu ego inútil e irracional. Infelizmente, algumas coisas mudam para pior.

Afundando ainda mais nossa sociedade rumo a nova idade das trevas.

O rebanho estava sendo marcado. Sim, cada descendente de nativos da ilha estava sendo marcado a ferro quente. Condenados sem um crime lógico. Condenados pelos erros de seus antepassados. Condenados por não acreditarem no mesmo deus do povo da ilha, por não acreditarem em Y'zühr. As pessoas inventam deuses e depois matam umas as outras, em uma disputa ridícula para descobrir quem tem o melhor deus ou o “verdadeiro” deus.

Toda criança que nasceu no período intermediário entre as iniciações estava sendo marcada com ferro quente. Para carregar a marca que a torna um condenado. Uma cruz, o símbolo magno de Y'zühr, estampado com ferro quente no meio da testa das crianças. Onde estava o deus para o qual os nativos tanto louvaram durante tantos anos? Que forma de deus é esse Y'zühr, que leva a dor e o sofrimento até crianças inocentes que não sabem a diferença do certo e do errado? Como podem os filhos pagarem pelos erros que os adultos cometeram, se existe alguma divindade, onipotente e onipresente, feita de amor, quais os motivos

que a faz deixar que situações como essas ocorram? Respostas que nos trazem incertezas resultantes de muitas interpretações. Milhões de opiniões diferentes. Milhares de tradições, culturas e religiões diferentes. Preservem as tradições e a diversidade cultural, assim muitos dizem, mesmo que isso cause a morte de milhões. Mesmo que isso mantenha o manto obscuro do analfabetismo científico sobre os olhos das pessoas.

O rebanho estava sendo acorrentado e enfileirado. Chicoteado e eletrocutado. Rumando para seu destino. Sob as ordens das supostas autoridades, aqueles-que-governam e aqueles-que-iludem. O choro ecoava pela caverna, gritos de socorro, esperanças perdidas, sonhos nunca realizados, acorrentados pelo medo. A porta se abriu, o rebanho começou a ser guiado. Logo eles veriam a luz do dia novamente, sentiriam o cheiro da maresia, conseguiriam ver a floresta na qual seus ancestrais viveram, a ilha que um dia pertenceu aos seus antepassados. Contudo, para verem tudo isto, terão que pagar um preço alto, e assim será, em ciclos, enquanto o tempo ainda for tempo.

. . .

Rosa estava trancada, em uma sala escura, não conseguia ver muita coisa, mas sabia que não estava sozinha, podia escutar a respiração de outro ser junto com ela. Ela ouvia o som de passos se aproximando, pareciam estrondos na escuridão, a respiração do outro ser acelerou. Os passos pararam, a porta foi aberta e uma silhueta humana apareceu. Era ele, o sacerdote, permaneceu parado. Rosa percebeu que a respiração do outro ser que estava preso com ela também parou. O ar estava denso, e logo, ficou enevoadado. Sonohrk estava próximo, seria ele o solução dos problemas de Rosa? Seria ele o dito deus ex machina? Não, a vida não é uma história. Em nossa sociedade a vida é cruel, assim como o tempo. A vida é o tempo, o tempo é vida. Somente se o tempo não existisse perceberíamos como ele é importante. Como ele controla, manipula e regula nossas vidas.

A névoa se espalhava pelo ar, Rosa estava sobre uma nuvem, acima dela somente o céu escuro e as estrelas em combustão. Ele estava ali, usando vestes negras, os cabelos longos, escuros e lisos ocultando o rosto.

- Não, Rosa, não sou nenhum deus ex machina. O fim ou a continuidade da iniciação é uma decisão que cabe a você. Nós não somos pré-destinados, nosso futuro é controlado por nossas decisões no presente. Infelizmente, as decisões das outras pessoas influenciam em nossas vidas. Sei que o que ocorre aqui é errado, mas não consigo mudar a mentalidade das pessoas. E matá-las não resolveria nossos problemas. A transição da mentalidade humana deve ser lenta, assim como a evolução, nada de saltos impossíveis. Uma longa escalada que por vezes é lenta, mas sempre constante. A revolução não deve ser feita em um dia, deve ser feita ao longo de várias gerações. Para que assim as pessoas tenham tempo de entender os aspectos positivos da mudança, sempre utilizando um pensamento crítico.

- Então você mentiu? – respondeu Rosa com a voz trêmula – Mentiu sobre tudo aquilo que você falou? Você disse que me ajudaria. Que havia algo errado nesta ilha que precisava parar.

- Não, eu não menti. – desta vez Sonohrk voltou-se para Rosa. Ela pôde ver o rosto, no momento, estava pálido. Demonstrando dor, sofrimento e solidão. Ao mesmo tempo, passava uma felicidade imensa, sem

comparações. Ela pensou em sentir pena dele e deteve-se. – O fato é, se alguém não começar a lutar contra esta tradição, as coisas acabarão de forma muito pior. Sendo assim, você tem duas opções, ficar ajoelhada rezando para que alguma divindade imaginária atenda suas preces. É claro que isto não irá acontecer. Ou, ser forte, assim como seu amigo Lizevey, o prisioneiro. E quando for o momento oportuno enfrentar as autoridades manipuladoras.

Após falar isso Sonohrk ocultou seu rosto novamente. Ele seguiu seu caminho em meio à névoa que começava a dissipar-se. Rosa estava novamente aprisionada, a silhueta humana permanecia na porta, o ar continuava denso. O tempo ainda estava parado. Falhas no tempo, seria isso possível? Bem, era isso o que Rosa estava presenciando, talvez um buraco no tempo e espaço, provavelmente um túnel conectando universos paralelos fosse aberto toda vez que Sonohrk aparecesse.

As suas visitas para Rosa já eram um mistério. Seria um deus astronauta? Dificilmente, já que ele mesmo nega a existência de possíveis divindades. Como poderia um ser de outro universo falar português?

Perguntas e mais perguntas, muitas sem respostas. Muito provavelmente, perguntas que possuem respostas além de nossa compreensão, não necessariamente sem respostas. Ou respostas tão óbvias que nem mesmo percebemos. O importante é que ele dizia a verdade. O pensamento humano está sempre mudando, evoluindo, especializando-se, como tudo na natureza. Pois nós somos animais, e como tal, nós fazemos parte da natureza de nosso planeta.

O ar estava se tornando menos denso e o tempo estava voltando ao normal. Rosa voltou a escutar a respiração do ser que estava preso com ela. E viu que era Lizevey, acorrentado em outra parede.

A silhueta humana que estava na porta entrou na cela. Era Proced, Lizevey tentou cuspir na cara dele e o sacerdote soltou uma alta gargalhada. Uma gargalhada fria e insensível, o bafo de putrefação se espalhou pelo ar, vindo das vísceras de Proced.

- Então, vejo que temos um jovem casal – disse Proced, com um sorriso de desprezo em seus lábios. Mesmo na escuridão seus olhos pareciam brilhar como fogo. – Então nosso prisioneiro tem uma discípula. Ou apenas mais uma vítima?

- Do que você está falando, seu maldito? – perguntou Rosa.

- Cale-se Rosa, deixe que eu resolvo isso – respondeu Lizevey.

- Vejo que você não sabe muito sobre o seu amigo, linda Rosa. Todas aquelas mortes, tantas torturas, para tentar acabar com minha família e com a família Rivier. Foi tudo em vão, você continua sendo preso, vez após vez, Sr. Lizevey. Parece que você não compreende que o povo tem medo da mudança. Não entende que eles preferem permanecer como estão, seguindo suas vidas rotineiras sem preocupações, pois sabem que a situação nunca vai mudar. Eles precisam de um líder que lhes mostre qual caminho seguir. Como servos, seguem esse caminho mesmo que seja o caminho das ilusões. Nós os tornamos miseráveis e assim eles não se importam com o conhecimento, são seres conformistas!

“Eles vivem em um mundo de alucinações, um mundo de fantasia, no qual preferem acreditar no paranormal e nas pseudociências a ver a verdade. E, para melhorar, nós os manipulamos como marionetes. Nós realmente governamos, controlamos tudo para ser

exato. Vocês dois são apenas sonhadores, acham que conseguirão fazer alguma grande revolução? Eu lhes digo, não!”

- Droga, eu não tenho nada com isso. – falou Rosa chorando desesperadamente - Alguém aparece e me diz que há algo errado aqui e daí? Em mais alguns anos eu ia terminar meus estudos e começar minha vida. Tentar esquecer todas as humilhações, sair desta ilha conhecer outros locais.

- Parece que a conversa que tivemos e tudo o que você viu não serviu em nada – falou Lizevey com raiva estampada em seu rosto – Que guria ingênua é você! Teve sua chance de evitar que outras pessoas passem pelo que você passou e pelo que ainda vai passar. Agora tudo que fala é sobre sua vida medíocre, rotineira e estúpida que você quer para seu futuro. Ninguém sai da ilha! A única coisa que você seria aqui é um objeto sexual de algum familiar do sacerdote! Isso se você não tiver que prestar favores sexuais para ele!

Rosa não sabia o que falar, como muitas vezes em sua vida, tudo o que fez foi abaixar a cabeça e chorar. Ficar vendo suas lágrimas caírem no chão, desejando nunca ter nascido.

- Sr. Lizevey, por favor, seja educado. Não estrague as surpresas que esperam pela senhorita Rosa. Eu e o falecido prefeito temos que desmoralizar psicologicamente as pessoas, para que estas nos sirvam da melhor forma possível. É a vontade de Y'zuhr. Assim ele quer, assim será. SIT Y'ZUHR ILAR UB Y'ZUHR RET NEHR Y'ZUHR.

O sacerdote voltou-se para a porta, chamou seus auxiliares. Quatro homens usando roupas de frei entraram na cela. Soltaram Rosa e Lizevey, arrastaram eles para fora da cela. Ali havia um pequeno patamar, escadas e mais patamares com pequenas salas que provavelmente eram celas. Rosa imaginou onde estava, dentro da torre com “relógios-olhos” hipnotizadores, a torre que ela temeu durante anos, agora ela conseguiu ver o que havia dentro daquele recinto misterioso.

Os dois prisioneiros foram arrastados escada abaixo, à frente deles, o sacerdote abria caminho. Com um sorriso estampado no rosto, olhos cuidadosos em tudo que havia ao seu redor, o sacerdote adorava estes tempos que haviam chegado.

Chegaram ao saguão principal da igreja e deste foram em direção às portas que davam para a rua.

Pararam em frente às portas, era possível ouvir os gritos que vinham do lado de fora. Gritos de felicidade, gritos de horror, nomes de divindades eram proclamados, a iniciação havia começado.

O sacerdote virou-se para os dois prisioneiros.

- Muito bem, nesta parte da história chega o fim de vocês dois. Não irei estuprá-la querida Rosa, pois não quero entrar em contato com sua carne maldita. Deixe que o povo cuide dessa parte. Abram as portas. – E assim os guardas fizeram.

A cena que Rosa viu fez com que ela vomitasse. Do lado de fora, uma multidão insana e louca, espalhava-se pela rua. Pessoas corriam sem roupa, pessoas fornicavam por todos os lados, pessoas deformadas eram agredidas e mortas, pessoas estavam sendo estupradas. A anomia reinava. Corpos inertes encontravam-se espalhados no chão que agora estava tingido de vermelho pelo sangue derramado.

Lizevey chamou Rosa para ver dois detalhes que ela não tinha observado na paisagem.

- Rosa... – por um instante as palavras ficaram presas em sua garganta. – Veja o que alguns guardas estão trazendo para o meio da rua.

Rosa olhou e todo seu corpo estremeceu. Os guardas estavam trazendo duas cruzes. Ela imaginou qual seria seu futuro agora. Seria crucificada, sem julgamento, sem cometer nenhum grande crime, apenas por ter nascido e porque aqueles-que-governam e aqueles-que-iludem decidiram que a situação deveria ser levada desta forma. Quantos mais ainda serão mortos pela ignorância de nossas autoridades? Há de chegar o dia em que nossa sociedade entrará em colapso devido a nossas falhas, por causa de nosso conformismo perante as situações erradas. O caos reinará, para que então uma nova sociedade remodelada possa surgir. Seria interessante para as pessoas que os erros do passado não fossem esquecidos, para que essa nova sociedade não seja egoísta, corrupta e ignorante como a atual.

- Então senhorita Rosa? Gosta do que você vê? – perguntou Proced, com um sorriso sádico no rosto.

- Por quê? Por que vocês fazem isto?

- São assim que as coisas funcionam. É muito mais fácil governar um povo burro e que passa fome, do que um povo que tem comida e tempo para pensar. O tempo é algo incrível, se você o possui em excesso, você

pode pensar, questionar, interrogar, analisar, estudar, aprender. Mas, por outro lado, se você não tem o tempo a seu favor, nada disso é possível.

“Sendo assim, basta deixar o povo ocupado com coisas fúteis e supérfluas que ele não pensará. Basta dar ao povo diversões sangrentas nas quais eles possam libertar seus instintos animais. Eles não aceitarão a mudança, pois estão plenamente conformados com a situação atual... agora... levem esses dois até a rua”

Os guardas obedeceram as ordens de Proced. Lizevey tentava resistir, se debatia e berrava, tentando se libertar. Talvez quando estivesse em frente ao povo ele conseguisse alguns revolucionários. Porém, o medo tomava conta de sua mente, o medo de que as pessoas aqui já estivessem tão desorientadas mentalmente a ponto de terem conexões neurais atrofiadas.

Lizevey e Rosa foram arrastados pela rua, a multidão abria caminho de forma sincronizada. Zumbis, era isso com que as pessoas ali se pareciam. A insanidade havia tomado conta das pessoas. Então era isso a dita iniciação, um ritual, uma procissão de pessoas mentalmente cegas louvando seus “amigos imaginários”.

O cheiro que emanava da multidão, não era apenas de sangue, mas também de fezes e urina. As pessoas estavam imundas, nem mesmo animais “selvagens” agiriam desta forma. Sim, “selvagens”, pois somos animais também. Como pode um ser com tanta capacidade mental, com tanta criatividade, capaz de criar magníficas obras de arte, um animal evoluído para a matemática, para as ciências, se entregar tão facilmente ao ridículo e à irracionalidade.

Os prisioneiros estavam em frente às cruzes que haviam sido erguidas no meio da rua, cravadas no chão, sangue logo seria derramado. Ao fundo Rosa viu seus pais correndo como loucos em meio à multidão, espancavam dois nativos deformados pela endogamia.

- Está no seu sangue, Rosa – disse Proced - é a tradição, é a cultura... Temos que preservá-la. Sua última chance, Rosa, faça seus pais felizes, continue viva. Mas sirva aos meus desejos, eu não serei tão cruel assim. Prefere a morte à vida?

- É preferível a morte do que uma vida escrava. É preferível a morte, do que viver com a mente acorrentada aos dogmas. Infelizmente, agora não há mais nada que eu possa fazer e também não tenho ideia de como

mudar a mentalidade destas pessoas. Sendo assim, prefiro a morte. Prefiro deixar meu corpo se decompor a servi-lo.

Após dizer isso, Rosa cuspiu na face do sacerdote. Chutou as genitálias do mesmo. Ele se curvou de dor e quando estava abaixado, Rosa chutou-o novamente, desta vez no rosto. O sacerdote caiu no chão, com sangue escorrendo pelas narinas, gritando de dor, um dente faltava em sua boca. Os guardas estavam perplexos não esperavam uma reação destas. Até que o sacerdote deu a ordem.

- Terminem o serviço! Acabem com esses dois, eu lhe ofereci uma chance, maldita Rosa! – A multidão começou a gritar eufórica, chamando sua divindade imaculada, Y'zühr.

Os guardas jogaram os prisioneiros no chão sujo de sangue e excrementos humanos.

- Parece que falhamos, Rosa. – disse Lizevey com lágrimas escorrendo de seus olhos – Eu sou um idiota, tentar ir contra o sistema, nós poderíamos estar seguindo nossas vidas agora mesmo. Não planejamos nada. Fomos traídos e ainda por cima acreditamos em nossas alucinações.

- Não diga besteira! Isso ainda não acabou! Eles é que vivem de alucinações, nós tivemos a oportunidade de enxergar a verdade – Rosa estava tomada pela raiva – talvez nossas mortes sirvam de exemplo para o povo.

- Espero que você esteja certa.

Cada um dos prisioneiros foi colocado sobre sua cruz. Seguindo as instruções do sacerdote, a multidão continuava a cantar orações para sua divindade. Dois sub-sacerdotes se aproximaram trazendo os grilhões de ferro que prenderiam os corpos de Rosa e Lizevey em suas cruzes.

O tempo ainda é tempo... servimos ao tempo até a
morte chegar

Capítulo 05

Tempo...

Tempo de...

Tempo de vida...

Tempo de morte...

Tempo de guerra...

Tempo de colheita...

Tempo de iniciação...

Tempo de alienação...

Tempo de ignorância...

Tempo de preocupação...

Tempo de incompreensão...

Tempo de genocídios...

Tempo de arrependimentos...

Tempo de aprender...

Tempo de perdoar...

Tempo de corrigir...

Tempo de viver...

Tempo de amar...

Tempo de...

Tempo...

Sempre o tempo...

Capítulo 06

Rosa e o prisioneiro estavam amarrados em suas cruzes e deitados no chão. O sacerdote voltou-se para o povo, e este gritava o nome de seu sacerdote incansavelmente.

- Ouçam! Eu lhes digo! Ouçam o que eu tenho a dizer meu povo. Vocês serviram a mim, e agora, eu sirvo a vocês! Neste momento eu trago a felicidade que vocês tanto esperaram. O paraíso em terra. Eu lhes dou toda a diversão que vocês merecem. Pois vocês honraram Y'zuhr! Hoje o sangue será derramado, mataremos estes profanadores, estes hereges que ousaram proclamar palavras contra Y'zuhr. – ao fundo o povo continuava a fazer um coro, chamando sua divindade – Teremos aqui um belo exemplo do que devemos fazer com aqueles que questionam a autoridade! O sangue aqui derramado irá nos purificar, irá purificar nosso governo. E abrirá caminho para que Y'zuhr perdoe nossos pecados e assim possamos ir ao Céu encontrá-lo após nossa

morte, é isso o que acontecerá conosco. Deixem Y'zühr entrar no coração de vocês! Guardiões! Continuem com o serviço.

. . .

A marreta desceu... Deslocando-se através do ar.
Acertando o pedaço de metal afiado colocado sobre a
pele.

Perfurando, rasgando, penetrando, violando,
arrebentando.

O som do impacto desloca-se com o vento.
A dor percorreu os nervos... o sangue jorrou.

O grito se espalhou pelo ar.

As lágrimas escorreram.

O corpo se contorceu.

Os pensamentos sumiram da mente.

O reino da dor.

A juventude sendo forçada a abandonar o corpo antes
do tempo.

Irá a vida resistir?

Em toda sua fragilidade a vida torna-se um paradoxo
Frágil, porém resistente

Permanecendo durante bilhões de anos
Pode ser facilmente aniquilada em poucos segundos
Vida e morte lado a lado
Irmãs
Todos encontramos essas duas senhoras ao longo de
nossa existência

Capítulo 07

Para Rosa, o tempo havia parado novamente. As imagens das pessoas abaixo dela estavam distorcidas. Suspensa em sua cruz, vislumbrava a felicidade estampada no rosto do povo perante sua morte. Já não sentia mais seus braços e pernas. Os sons não eram mais distinguíveis. Apenas um zumbido que acompanhava a visão que se tornava cada vez mais turva e a respiração cada vez mais pesada. Seus órgãos estavam parando de funcionar. Lentamente a vida estava escapando. A consciência estava desfazendo-se. A dor era imensa e a morte se aproximava.

As alucinações começaram. Seu cérebro numa tentativa de evitar a dor, começava a bombardear a consciência de Rosa com imagens felizes de seu passado. Era como se ela pudesse ver sua vida toda diante de seus olhos.

Nada mais restava a fazer. Com sua respiração cada vez mais ofegante, Rosa tentava usar suas últimas

forças, começava a se chacoalhar na cruz. Agitando-a para frente e para trás, a dor só aumenta. As pessoas da platéia deste espetáculo de horrores estavam sem reações, o próprio sacerdote estava perplexo com a cena que via. Rosa continuava a se agitar em sua cruz, até que sua carne não mais resistiu e ela enfim caiu da cruz. Com os pulsos e os pés arrebetados, berra loucamente, sua voz já estava rouca. Seus músculos tremiam de forma descontrolada, por instante ficou contorcida no chão em uma posição fetal.

Rosa tentou se arrastar em direção ao sacerdote. Palavras desconexas saiam da boca da menina quase morta. A insanidade agora tinha tomado conta de seu corpo, endorfina e adrenalina se espalhavam pelo seu organismo. Ela estava perdendo muito sangue, mas talvez existisse uma chance de alcançar seu objetivo.

Quanto mais ela tentava se aproximar do sacerdote mais ele se afastava, andando de costas, rumando para o centro da multidão. Na cruz, Lizevey acordou, reuniu suas forças e proclamou suas últimas palavras.

- Acordem! Acordem seus malditos! Vejam o futuro que aguarda por vocês! As autoridades tratarão

vocês da mesma forma que eu e Rosa fomos tratados! Não se curvem perante nenhum governo, não se curvem perante nenhuma fé! O futuro não está na mão destas supostas autoridades totalitárias e sim nas mãos do povo! Acordem deste transe maldito de irracionalidade! O sacerdote não é melhor do que vocês! Ele engana vocês, ele usa vocês! Como se vocês fossem fantoches! – após dizer isso, um longo grito saiu do fundo de suas entranhas. Lizevey deixou que sua consciência se desfizesse, a morte chegou até ele. Ao longo do tempo suas moléculas iriam se desorganizar, seguindo o ciclo natural ao qual todos nós estamos fadados. Só restava esperar para que alguém na multidão reagisse, pois a vida naquele corpo não mais existia.

Rosa continuava se arrastando, deixando um rastro de sangue pelo chão. De sua garganta só saíam gemidos. Aparentemente, houve uma certa reação do povo em relação às palavras de Lizevey. Primeiro os guardas e sub-sacerdotes reagiram, correram na direção do sacerdote e de Rosa e pararam em frente aos dois.

- Vamos seus malditos! Por Y'zuhr! Acabem com esta guria. Ou vocês queimarão no fogo eterno – disse Proced, o sacerdote. Eis que a revolta começou, um dos

sub-sacerdotes questionou a autoridade para espanto geral de toda Serenidade.

- Se há alguém que hoje vai queimar no fogo é você! Não haverá mais sangue inocente derramado nesta ilha. Como pode você afirmar que esse deus de “amor” vai castigar eternamente alguém, apenas por questionar suas palavras? Se ele é tão poderoso, por quais motivos ele não aparece aqui? Explique isso Proced?

- Isto está escrito no livro sagrado de Y’zuhr e aquele livro é o maior livro do mundo, com todas as respostas que você procura! É o nosso guia moral, nós somos uma nação de acordo com Y’zuhr. – ele foi bruscamente interrompido, acertado no rosto por uma pedra, jogada por um dos guardas.

- Cale-se! Maldito sacerdote! – disse o guarda – Chega de acorrentar as pessoas com essas suas doutrinas irreais baseadas nas crenças do inexistente. Chega de exterminar outros povos em nome de seu amigo imaginário!

- Eu sou a autoridade! Eu governo vocês! Eu fui escolhido por Y’zuhr! – o sacerdote ergueu Rosa pelos cabelos. Puxou uma faca de dentro de seu manto e

antes que possa acertar a menina, foi golpeado na nuca por mais uma pedra originada da multidão. O sacerdote caiu no chão, Rosa não estava mais consciente, não conseguiria ver o resultado de seus atos. Onde havia anomia, agora a insurreição começava, o povo e o ex-rebanho lado a lado, os guardas e os sub-sacerdotes. Todos rumavam em direção ao sacerdote.

A multidão se aproximou cada vez mais. A última palavra que saiu da boca do sacerdote foi o nome do deus que ele tanto venerou... Y'zühr. O corpo de Rosa jazia inerte em meio à multidão, a morte havia chegado até ela.

. . .

O tempo estava nublado em Serenidade, os corpos haviam sido recolhidos, somente o corpo do sacerdote encontrava-se no chão, o cheiro de sangue, fezes, urina e morte, impregnava a cidade. As pessoas estavam em suas casas, começavam a sentir remorso. Sentimento este trazido pelos seus atos e pelos atos de seus antepassados... Começava a chover...

A chuva cai...

Lavando o ar... levando a imundície humana...
Só não leva nossos sentimentos...
Sentimentos insanos, sentimentos humanos...
Haveria algum dia alguém capaz de compreender
a sociedade?

...

Quando o sistema governamental cai... A
sociedade ressurgir... Como a fênix que renasce das
cinzas.

O tempo ainda é tempo... vivemos numa
sociedade insana e levará muito tempo até ela mudar..

Sobre o autor

Marius Arthorius, pseudônimo de Mario Arthur Favretto. É natural de Joaçaba, estado de Santa Catarina. Biólogo formado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de Joaçaba. Sob o pseudônimo de Marius Arthorius já publicou os livros de poemas *Antropophagya*, *Antropophagya Addendum*, *Emili meae laudes* e *Alegorias da Existência*, os livros de contos de terror *Necrophagya* e *Deicídio* e o romance *Sociedade Insana*.

Na área da biologia é autor, coautor e/ou organizador dos livros "Sobre a origem das Aves", "Orquídeas e bromélias do Vale do Rio do Peixe, Santa Catarina, Brasil", "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 1 - Fauna de Vertebrados" e "Parque Natural Municipal do Rio do Peixe, Joaçaba, Santa Catarina - Vol. 2 - Plantas Epífitas".

Também é autor de mais de 30 artigos e notas científicas originados de pesquisas na área da ornitologia, entomologia, herpetologia, mastozoologia, evolução e ecologia.